

Edgar Morin
Anne Brigitte Kern

Obras de Edgar Morin pela Editora Sulina

O Método 1 — A natureza da natureza

() Método 2 — A vida da vida - 2ª edição

() Método 3 — O conhecimento do conhecimento - 3ª edição

() Método 4 — As ideias - 3ª edição

() Método 5 — A Identidade Humana - 2ª edição

As Duas Globalizações - 2ª edição

Km Busca dos Fundamentos Perdidos — Textos sobre o marxismo

TERRA-PÂTRIA

Tradução de Paulo Neves

a
Editora Sulina

Título original: Terre-Patrie
ÉditionsduSeuil, 1993
Editora Sulina, 1995

Capa: *Parla Comunicação*
Revisão: *N. E. Sulina*
Tradução: *Paulo Neves*
Projeto gráfico e diagramação: *Rogério Costa Arantes*
Coordenação editorial: *Luís Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Rosemarie B. dos Santos - CRB 10/797

M858t Morin, Edgar
Terra-Pátria / Edgar Morin e Anne-Brigitte Kern / traduzido
do francês por Paulo Azevedo Neves da Silva. — Porto Alegre :
Sulina, 2003.
181 p.

ISBN 85-205-0114-1

I. Kern, Anne-Brigitte. II. Silva, Paulo Azevedo Neves da.
III. Título.

CDU 316

UFRGS I ^
Biblioteca Setorial Editora Sulina
de Biblioteconomia •
e Comunicação^{odús} os feitos desta edição reservados
! N° CHAMADA: j n à EDITORA MERIDIONAL LTDA.
M -2 ' i% 1 -
N° OBRA: Av. Osvaldo Aranha, 440 - conj.101
CEP: 90035-190 - Porto Alegre - RS
Tel: (51) 3311-4082
Fax: (51) 3264-4194
N° REGISTRO: S410
www.editorasulina.com.br
e-mail: ed.sulina@via-rs.net

i DATA: i(o(o3 hé>

í SYS: Maio/2003

5 A bÇsfç»^ IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRASIL

É preciso recompor o todo.
Mareei Mauss

Precisamos de mundiólogos.
Ernesto Sábato

Nada do que é humano me é alheio.
Terêncio

Sumário

Apresentação.....	9
Prólogo. A história dá História.....	15
Pré-história e História, 15-As grandes Histórias, 18	
1. A era planetária.....	21
A revolução planetária, 21 - Os começos da era planetária, 22	
- A ocidentalização do mundo, 24- A mundialização das ideias, 26	
- A mundialização pela guerra, 27 - Da esperança à ameaça	
dumoeleana, 30 - A mundialização económica, 34 - O holograma, 34	
- Os esboços de consciência planetária, 36 - Surgimento da	
humanidade, 42	
2. A carteira de identidade terrestre.....	43
De um cosmos a outro, 43 - O planeta singular, 46 - A Terra da	
vida, 49 - A identidade humana, 53 - A unidade antropológica, 57	
- A consciência terrestre, 62	
3. Aagonia planetária.....	65
Problemas de primeira evidência.....	65
O desregramento económico mundial, 65 - O desregramento	
demográfico mundial, 68 - A crise ecológica, 68 - A crise do	
desenvolvimento, 70	
Problemas de segunda evidência.....	71
O duplo processo, antagónico e ligado, da solidarização e da	
balcanização do planeta, 71 - A crise universal do futuro, 75	
- A tragédia do "desenvolvimento", 78 - Mal-estar ou mal de	
civilização, 83 - O desenvolvimento descontrolado e cego da	
lecco-ciência, 87	
Agonia.....	93
Crise?, 93 - A policrise, 93 - A aceleração, 94 - A fase	
damocleana, 95 - A aliança das barbáries, 96 - Agonia?, 96	
4. Nossasfinalidades terrestres.....	99
Conservar/revolucionar, 99 - Resistir, 100 - A busca consciente	
da hominização, 101 - Do desenvolvimento-problema ao	
desenvolvimento humano, 101 - Desenvolvimento, capitalismo,	
socialismo, 102 - O desenvolvimento do subdesenvolvimento dos	
desenvolvidos e subdesenvolvidos, 104-Meta-desenvolvimento, 106	

- Reencontrar a relação passado/presente/futuro, 108 - A relação interior/exterior, 109-Civilizaracivilização, 110-A democratização civilizadora, 111 - Federar a Terra, 115-Sim, mas..., 121

Um Pensador Chamado Edgar Morin

Juremir Machado da Silva*

5. O impossível realismo.....	123
A incerta realidade, 1 23-0 diálogo de surdos entre a ideia e o real, 126-Aaposta, 129-O possível/impossível, 131 -Aenonnidade das forças contrárias, 1 31-0 impossível possível?, 132	
6. A antropolítica.....	135
Da política à antropolítica, 135 - Política totalizante e política totalitária, 137-A política esvaziada e fragmentada, 138 - A complexidade na base antropológica, 140-A complexidade no comando: ecologia da políticae estratégia, 141 -Os três tempos, 145 - Os três espaços, 148 - Preparar a desaceleração, 148 - Preparar a era meta-técnica, 149	
7. A reforma de pensamento.....	151
O pensamento em peças avulsas, 153-A falsa racionalidade, 154 - Restaurar a racionalidade contra a racionalização, 157 - Pensar o contexto e o complexo, 158 - A restauração do pensamento, 161	
8. Oevangelhoda perdição.....	163
A perda da salvação, a aventura desconhecida, 163 - A boa-má nova, 1 66-0 apelo da fraternidade, 167 - Habitar a Terra. Viver por viver, 168-O evangelho da perdição, 171	
Conclusão. Terra-Pátria.....	175
A grande confluência, 175-Terra!, 176-A comunidade de destino terrestre, 177-Co-pi lotar a Terra, 178 —A luta inicial, 179	

Pensador pluralista, Edgar Morin, nascido em 1921, em Paris, mescla as ciências humanas com a biologia e a física, entre outras disciplinas do conhecimento, para estudar os problemas do mundo contemporâneo. Interessa a ele compreender esta época com o objetivo de imaginar, longe das certezas e das leis históricas, possíveis desdobramentos dos imaginários do futuro. Morin assegura que o Sujeito é fundamental na construção do presente. Enquanto houver sonho de mudança social, afirma, haverá política.

Entre os livros fundamentais que escreveu devem ser citados com paixão *O Cinema* e *o Homem Imaginário*, *O Paradigma Perdido - a natureza humana*, *As Estrelas*, os cinco volumes do *Método*, *Para Sair do Século XX*, *Terra-Pátria* e *Meus Demónios*. Obras plenas de vida, de criatividade e de originalidade. Elogios da inteligência humana e convites ao prazer da reflexão.

No tempo de Jean-Paul Sartre, intelectual engajado, os vendedores de certezas encantavam o mundo e afirmavam-se como fenômenos do pensamento. Passada a época das utopias racionalistas que prometiam o paraíso, mergulhadas no irracionalismo metafísico e na arrogância de uma cientificidade insustentável, espalhou-se que não havia mais grandes intelectuais para estudar a complexidade da vida. Magnífico erro. Edgar Morin é certamente muito superior aos mestres de 20 anos atrás.

Morin, porém, não vende ilusões. Em *Meus Demónios*, obra na qual resume a sua luta e as ideias obsessivas que o dominaram ao longo de uma vida de aventura intelectual, conta como descobriu, durante a Segunda Guerra Mundial, o marxismo. O encantamento durou pouco. O homem generoso, sempre em busca da tolerância,

* Juremir Machado da Silva é historiador, jornalista e doutor em Sociologia pela Universidade René Descartes. Paris V. Sorbonne. Autor, entre outros livros, de *Anjos da Perdição - futuro e presente na cultura brasileira* (Editora Sulina), *A Miséria do Jornalismo Brasileiro* (Vozes) e *Fronteiras* (Editora Sulina).

A revolução planetária

No final do século XV europeu, a China dos Ming e a Índia mongol são as mais importantes civilizações do Globo. O Islã, que continua sua expansão na Ásia e na África, é a mais ampla religião da Terra. O império otomano, que se expandiu da Ásia para a Europa oriental, após tomar Bizâncio e ameaçar Viena, tornou-se a maior potência da Europa. O império inca e o império azteca reinam nas Américas, e tanto Tenochtitlã como Cuzco ultrapassam em população, monumentos e esplendores Madri, Lisboa, Paris, Londres, capitais das jovens e pequenas nações do Oeste europeu.

No entanto, a partir de 1492, são essas jovens e pequenas nações que irão se lançar à conquista do Globo e, através da aventura, da guerra, da morte, suscitar a era planetária.

Depois de Cristóvão Colombo, Américo Vesúcio reconhece o continente que terá seu nome. Quase ao mesmo tempo (1498), Vasco da Gama descobre o caminho oriental das Índias contornando a África. Em 1521, a volta ao mundo de Magalhães comprova a rotundidade da Terra. Em 1521 e em 1532, Cortês e Pizarro descobrem as formidáveis civilizações pré-colombianas e as destroem quase em seguida (o império azteca em 1522, o império inca em 1533). Na mesma época, Copérnico concebe o sistema que faz girar os planetas, inclusive a Terra, em volta deles mesmos e em volta do Sol.

Eis portanto os começos do que chamamos Tempos modernos, e que deveria chamar-se era planetária. A era planetária começa com a descoberta de que a Terra não é senão um planeta e com a entrada em comunicação das diversas partes desse planeta.

Da conquista das Américas à revolução copernicana, um planeta surgiu e um cosmos se desfez. As concepções do mundo mais

seguras e mais evidentes são subvertidas. A Terra deixa de ser o centro do Universo, torna-se satélite do Sol, e a humanidade perde sua posição privilegiada. A Terra deixa de ser plana e torna-se definitivamente redonda (o primeiro globo terrestre aparece em Nuremberg em 1492, e em 1526 o trajeto de Magalhães nele se inscreve). Ela deixa de ser imóvel e se converte em pião. O paraíso, que Colombo ainda buscava na Terra, deve ser remetido ao Céu ou desaparecer. O Ocidente europeu descobre grandes civilizações, tão ricas e desenvolvidas quanto as suas, que ignoram o deus da Bíblia e a mensagem do Cristo. A China deixa de ser uma exceção estranha. A Europa deve reconhecer a pluralidade dos mundos humanos e a provincialidade da área judeo-islamo-cristã. Assim como a Terra não é o centro do cosmos, a Europa não é o centro do mundo.

Tal revolução levará tempo para se inscrever nos espíritos. Ainda em 1632, Galileu terá que se retratar diante da Inquisição e condenar o sistema de Copérnico. Sobretudo, tal revolução não revolucionará verdadeiramente o mundo oeste-europeu onde ela surgiu: este irá esquecer sua provincialidade ao instalar seu reino sobre o planeta; irá esquecer a provincialidade da Terra ao se convencer de que a ciência e a técnica farão dele o senhor do mundo.

Os começos da era planetária

A era planetária começa pelas primeiras interações microbianas e humanas, depois pelas trocas vegetais e animais entre Velho e Novo Mundo. Os bacilos e vírus da Eurásia que disseminam rubéola, herpes, gripe, tuberculose se lançam sobre os ameríndios, enquanto da América o treponema da sífilis salta de sexo em sexo até Shangai. Os encontros do acaso, os encontros do desejo, as violações criam um pouco em toda parte gerações mestiças nas Américas, onde negros africanos capturados em massa são despejados, primeiro para compensar a hecatombe dos índios vítimas das doenças europeias e da impiedosa exploração colonial, depois como mão-de-obra escrava nas grandes plantações.

Os europeus introduzem em seu solo o milho, a batata, o feijão, o tomate, a mandioca, a batata-doce, o cacau, o tabaco. Levam para a América os carneiros, os bovinos, os cavalos, os

cereais, a vinha, a oliveira, e as plantas tropicais, arroz, inhame, café, cana-de-açúcar.

O milho de poder nutritivo superior vem substituir na Itália e nos Bálcãs as papas de cevada e de painço. A batata faz cessar a escassez crônica do centro e do norte da Europa. A mandioca torna-se o principal alimento africano. A América se povoa de herbívoros domesticados e se entrega à cultura intensiva do algodão, da cana-de-açúcar, do café.

O comércio marítimo, liberado da cabotagem costeira, expande-se por todos os mares. No século XVII se constituem as grandes companhias marítimas inglesas, francesas, holandesas para as Índias do Leste e do Oeste. As trocas Europa/Ásia/América se multiplicam e, na Europa, os produtos exóticos de luxo, como café, chocolate, açúcar, tabaco, vão se tornar produtos de consumo cotidiano.

A Europa conhece um desenvolvimento acelerado. As trocas se intensificam dentro dela. Os Estados nacionais criam estradas e canais. Dos países às margens do Báltico descem madeiras, grãos, arenques que os países mediterrâneos trocam por vinhos e óleos. A Irlanda e a Bretanha vendem carnes e manteigas salgadas às províncias interiores. A Espanha, a Alemanha e a Inglaterra desenvolvem a criação de ovinos e o comércio de lãs. A agricultura se transforma, as leguminosas (ervilhas e trevos) fertilizam os solos pobres.

As cidades, o capitalismo, o Estado-nação, depois a indústria e a técnica, ganham um impulso que nenhuma civilização conheceu ainda. Através de guerras entre si, não apenas em território europeu mas também na América e na Ásia, a Espanha, Portugal, a França, os Países-Baixos e, sobretudo a partir do século XVIII, a Inglaterra desenvolvem um formidável poderio econômico, marítimo, militar que irá cobrir o Globo.

A ocidentalização do mundo começa tanto pela imigração de europeus nas Américas e na Austrália quanto pela implantação da civilização europeia, de suas armas, de suas técnicas, de suas concepções, em todos os seus escritórios, postos avançados, zonas de penetração.

A era planetária se inaugura e se desenvolve na e através da violência, da destruição, da escravidão, da exploração feroz das Américas e da África. É a idade de ferro planetária, na qual estamos ainda.

A ocidentalização do mundo

No século XIX, a idade de ferro planetária é marcada pelo formidável desenvolvimento do imperialismo europeu, em primeiro lugar britânico, que lhe assegura o domínio do mundo, embora os Estados Unidos da América e depois as novas nações da América Latina já tenham se emancipado, mas justamente segundo o modelo, as normas e as concepções da Europa ocidental. Assim, através do colonialismo e da emancipação das colônias de povoamento, a ocidentalização do mundo marca a nova fase da era planetária.

Nas últimas décadas do século, embora já engajadas numa corrida armamentista desenfreada, a França, a Alemanha, a Inglaterra e a Rússia não se atacam ainda diretamente umas às outras em seus territórios metropolitanos. Dispondo do domínio técnico e militar absoluto em relação ao resto do mundo, preferem se lançar sobre o mundo mesmo, abocanhando o que podem.

No início do século XX, a Grã-Bretanha controla as rotas marítimas do Globo e reina sobre a Índia, Ceilão, Singapura, Hong Kong, numerosas ilhas das Índias Ocidentais e da Polinésia, Nigéria, Rodésia, Quênia, Uganda, Egito, Sudão, Malta, Gibraltar, ou seja, um quinto da superfície da Terra. Conta sob sua coroa 428 milhões de súditos, a quarta parte da população mundial. Os Países Baixos possuem a Malásia, Java, Bornéu. A França ocupa a Argélia, a Tunísia, o Marrocos, a Indochina, e uma grande parte da África negra. O império russo se estende na Ásia até o Pacífico, englobando as populações turcas e mongóis. A Alemanha dispõe de um império de 2,5 milhões de quilômetros quadrados povoado de 14 milhões de súditos no sudoeste da África, em Togo, Camarões, Tanganika, e nas ilhas do Pacífico. A Itália apoderou-se da Somália, de Trípoli e da Eritreia. A Bélgica se apropriou do Congo, Portugal se instalou em Angola e Moçambique. Da China os europeus obtiveram concessões territoriais em seus grandes portos e praticamente o controle de todo o seu litoral, e ela foi obrigada a conceder-lhes instalações ferroviárias, vantagens comerciais e facilidades financeiras. Apenas o Japão resistiu à dominação e infligiu ao mundo branco, tomando-lhe seus métodos, suas técnicas e suas armas, a primeira e humilhante derrota em Port Arthur, em janeiro de 1905. Por isso mesmo, ele contribuiu para a mundialização da civilização ocidental.

A abertura dos canais de Suez e Panamá interliga o Mediterrâneo e os mares da Ásia, o Atlântico e o Pacífico. As linhas de ferrovia Expresso-Oriente, Transamérica e Transiberiana juntam de uma ponta à outra os continentes.

O surto econômico, o desenvolvimento das comunicações, a inclusão dos continentes subjugados no mercado mundial determinam formidáveis movimentos de populações, que vão amplificar o crescimento demográfico¹ generalizado. Os campos vão povoar as cidades industriais; os miseráveis e os perseguidos da Europa irão para as Américas; os aventureiros e os aventureiros partem rumo às colônias. Na segunda metade do século XIX, 9,5 milhões de anglo-saxões, 5 milhões de alemães, 5 milhões de italianos, 1 milhão de escandinavos, de espanhóis e de balcânicos atravessam o Atlântico para as duas Américas. Fluxos migratórios se produzem também na Ásia onde os chineses se instalam como comerciantes em Sião, em Java e na península malaia, embarcam para a Califórnia, a Colômbia britânica (Canadá), a Nova Gales do Sul (Austrália), a Polinésia, enquanto os indianos se fixam na província de Natal (África do Sul) e na África oriental.

Insensivelmente, a economia tornou-se mundial. Entre 1863 e 1873, o comércio multinacional, cuja capital é Londres, torna-se um sistema unificado após a adoção do padrão-ouro para as moedas dos principais Estados europeus. A mundialidade do mercado é uma mundialidade de concorrências e de conflitos. Está ligada à expansão mundial do capitalismo e da técnica, à mundialização dos conflitos entre imperialismos, à mundialização da política, à difusão mundial do modelo do Estado-nação, forjado na Europa, e que irá se tornar um instrumento de libertação face aos dominadores europeus, um meio de salvaguardar as identidades ameaçadas pela modernidade ocidental, ao mesmo tempo que um meio de se apropriar das armas e dos meios dessa modernidade. Os múltiplos processos de mundialização (demográficos, econômicos, técnicos, ideológicos etc.) são interferentes, tumultuosos, conflituosos.

¹Em um século, a Europa passou de 190 para 423 milhões de habitantes, o mundo de 900 milhões para 1,6 bilhão.

A mundialização das ideias

A mundialização se opera também no domínio das ideias. As religiões universalistas, em seu princípio mesmo, já se abriam a todos os homens da Terra. Desde os começos da era planetária, os temas do "bom selvagem" e do "homem natural" foram antídotos, muito fracos, é verdade, à arrogância e ao desprezo dos bárbaros civilizados. No século XVIII, o humanismo das Luzes atribui a todo ser humano um espírito apto à razão e lhe confere uma igualdade de direitos. As ideias da Revolução francesa, ao se generalizarem, internacionalizam os princípios dos direitos do homem e do direito dos povos. No século XIX, a teoria evolucionista de Darwin faz de todos os humanos os descendentes de um mesmo primata, e as ciências biológicas vão reconhecer a unidade da espécie humana. Mas a essas correntes universalistas se opõem contracorrentes. Se se admite a unidade da espécie humana, tende-se também a compartimentá-la nas raças hierarquizadas em superiores e inferiores. Se o direito dos povos é reconhecido, certas nações se julgam superiores e se dão por missão guiar ou dominar toda a humanidade. Se todos os humanos conhecem as mesmas necessidades e paixões primárias, os teóricos das singularidades culturais vão insistir em suas diferenças irredutíveis. Se o homem é em toda parte, potencialmente *Homo sapiens*, o ocidentalocentrismo nega o estatuto de homem plenamente adulto e racional ao "atrasado", e a antropologia europeia vê nos arcaicos não "bons selvagens" mas "primitivos" infantis.

Isso não impede que, em meados do século XIX, emergja plenamente a ideia de humanidade, espécie de ser coletivo que aspira a se realizar reunindo seus fragmentos separados. Augusto Comte faz da humanidade a matéria de todo ser humano. A música de Beethoven, o pensamento de Marx, a mensagem de Victor Hugo e de Tolstói se dirigem a toda a humanidade. O progresso parece ser a grande lei da evolução e da história humanas. Esse progresso é garantido pelos desenvolvimentos da ciência e da razão, ambas universais em seu princípio. Assim toma forma a grande promessa do progresso universal que o socialismo irá assumir e energizar.

O socialismo se quer internacionalista em seu princípio e a Internacional se dá por missão unir o gênero humano. Cria-se uma primeira Internacional que aborta, depois uma poderosa segunda

Internacional, que associa uns aos outros os partidos socialistas, os quais preparam a revolução mundial e estão firmemente decididos a impedir toda guerra.

A era planetária é também a aspiração, nesse início do século XX, à unidade pacífica e fraterna da humanidade.

A mundialização pela guerra

Mas o processo de mundialização, cada vez mais tumultuoso e conflituoso, toma outra feição. A guerra de 1914-1918 é o primeiro grande denominador comum que une a humanidade. Mas através da morte.

Em Sarajevo, uma rajada sérvia mata o herdeiro dos Habsburgo. O atentado se situa numa zona fractal onde interferem nacionalismos locais e imperialismos mundiais. A lenta decomposição do império otomano liberou virulências nacionalistas, atijando ao mesmo tempo as cobiças de austro-húngaros, alemães, ingleses, franceses. O disparo de Sarajevo, numa Bósnia-Herzegovina povoada de sérvios, croatas, muçulmanos sob dominação dos habsburgos, desencadeia o ultimato austríaco à Sérvia, que por sua vez desencadeia a mobilização da Rússia, que desencadeia a mobilização da Alemanha, que desencadeia a mobilização da França; a Alemanha toma a ofensiva ao invadir a Bélgica, arrastando todas as outras potências à guerra. Assim, um atentado local num canto perdido dos Bálcãs determinou uma reação explosiva em cadeia que, ganhando imediatamente toda a Europa, arrasta suas colônias da Ásia e da África, o Japão, depois os Estados Unidos e o México. Enquanto a guerra se espalha em todos os oceanos, canadenses, americanos, australianos, senegaleses, argelinos, marroquinos, anamitas combatem no front europeu sob as bandeiras aliadas.

Assim, é o retorno centrípeto dos imperialismos europeus rivais que determina a guerra mundial. São as interações entre grandes imperialismos e pequenos nacionalismos que a desencadeiam. São os nacionalismos exacerbados que a alimentam. São as inter-solidariedades e inter-rivalidades em cadeia que arrastam o resto do mundo à guerra.

A guerra tornou-se total, mobilizando militarmente, economicamente e psicologicamente as populações, devastando os campos, destruindo as cidades, bombardeando as populações civis.

O engajamento total das nações, os progressos das armas automáticas e da artilharia, a introdução de engenhos mecanizados, da aviação e, em todos os mares, da guerra submarina, vão produzir a primeira grande guerra de destruição maciça, em que o planeta perde 8 milhões de homens.

Desencadeia-se um verdadeiro ciclone histórico que liga em seu turbilhão devastador os interesses imperialistas, os delírios nacionalistas, todas as forças técnicas e ideológicas liberadas na e pela idade de ferro planetária. Seria simplista perguntar se a explicação da guerra é marxista (rivalidades dos imperialismos) ou shakespeariana (o desencadeamento do ruído e do furor, o delírio da vontade de potência), porque a guerra é o produto histórico monstruoso da copulação furiosa de Marx e de Shakespeare.

Assim, a Europa, auge do mundo, cai no abismo. Sua queda abre uma nova fase da era planetária.

A tormenta não se detém em 1918, pois, já em 1917, um novo ciclone, nascido do primeiro, se ergueu. Aparentemente é a revanche do internacionalismo, esmagado em 1914, que aproveita a derrocada do czarismo russo para criar, conforme as intenções orgulhosamente proclamadas por Lenin, o primeiro lar da revolução mundial. Mas a revolução fracassa na Alemanha, não toma corpo nem na Inglaterra, nem na França, nem noutra parte do mundo, a não ser fugazmente na Hungria. A revolução internacionalista de Petrogrado e Moscou responde, uma vez vencida a Alemanha, uma intervenção internacional das potências. Guerra civil, intervenção estrangeira, ruína, escassez. O Estado bolchevique, exangue, conserva os territórios do império czarista após a guerra e a fome terem matado 13 milhões de homens; estabelece um regime de finalidade comunista sobre um sexto do globo. Mas, em sua vitória, faz surgir uma forma política nova e monstruosa, nascida da dominação do Estado moderno por um partido hipercentralizado, e cuja difusão será planetária: o totalitarismo.

Por reação ao comunismo, os nacionalismos entrarão em nova fase de virulência, e, na Itália frustrada, em situação pré-revolucionária, surge o fascismo, segundo totalitarismo, idêntico ao comunismo em seu sistema de partido único, antagônico em sua ideologia nacionalista. Por seu lado, a URSS será progressiva e sorrateiramente penetrada desde o interior pelo nacionalismo e o imperialismo.

As convulsões planetárias, iniciadas em 1914, relançadas em 1917, não vão cessar, e vão se ativar em cadeia umas às outras.

A economia mundial é agitada de sobressaltos no início dos anos 1920, até que, em meio a uma prosperidade redescoberta, a grande crise de 1929 revele no desastre a solidariedade econômica planetária: um craque em Wall Street espalha a depressão econômica por todos os continentes. Após dois anos de crise, a quarta parte da mão-de-obra dos países industrializados se encontra sem trabalho.

Os efeitos da Primeira Guerra mundial, da revolução bolchevista e da crise mundial vão então conjugar-se e concentrar-se na Alemanha, brutalmente atingida em 1931 pela onda de choque originada em Wall Street; as desgraças e angústias do desemprego e da miséria reavivam o sentimento de humilhação nacional causado pelo tratado de Versalhes, e o medo do comunismo "apátrida" irá inflamar o desejo de revanche nacionalista e o ódio aos judeus, designados por Hitler como os diabólicos manipuladores de um complot internacional plutocrato-bolchevique. O Partido nacional-socialista operário alemão (NSDAP), que concentra em seu apelo as virulências nacionalistas e as aspirações socialistas, chega legalmente ao poder em 1933, instalando imediatamente o sistema totalitário de partido único; sua ideologia da superioridade da raça ariana desperta o imperialismo pangermânico e impele a Alemanha nazista a dominar a Europa.

Os anos 1930 são dramáticos. Novas tempestades irrompem no planeta. O exército japonês invade a China, onde começa uma guerra que irá até 1945, prolongando-se a seguir em guerra civil até 1949. Por toda parte, no centro da crise, as investidas fascistas e as investidas revolucionárias se chocam, provocando conflitos, combates de rua e, na Espanha, guerra civil. Com exceção dos Estados Unidos e da Inglaterra, as democracias revelam sua vulnerabilidade. A reativação da máquina de guerra alemã ocasiona em toda parte uma nova corrida aos armamentos, que amortece a crise econômica - ainda que subsistam, na maior parte dos países, mais de 10% de desempregados. O comunismo stalinista revela seu horror nos processos de Moscou e o nazismo hitleriano revela o seu nos campos de concentração, na guetização e estigmatização dos judeus, na liquidação física praticada por Rohm e as S.A. Muitos espíritos desorientados pela escalada dos perigos, incapazes de crer numa democracia impotente, oscilam entre fascismo e stalinismo, não sabendo qual dos dois é o mal menor. A Alemanha remilitarizada anexa a Áustria, faz triunfar suas exigências sobre

os Sudetos dos quais se apropria, subjuga a Tchecoslováquia, reclama Dantzig, invade a Polónia. A Segunda Guerra mundial é desencadeada em setembro de 1939.

A Alemanha nazista invade a Noruega, a Holanda, a Bélgica, a França em 1940, depois, apoiada pela Itália mussoliniana, doméstica ou invade os outros países europeus (1940-1941), com exceção da Espanha, Turquia, Portugal, Suíça e, parcialmente, Suécia. A guerra se mundializa com o ataque alemão à URSS, o ataque japonês a Pearl Harbor (dezembro de 1941), a guerra na Líbia e no Egito, a guerra naval em todos os mares, os bombardeios aéreos em todas as nações em conflito, até a destruição do Terceiro Reich em Berlim em maio de 1945 e a destruição das cidades de Hiroshima e Nagasaki em agosto do mesmo ano.

Dos 100 milhões de homens e mulheres envolvidos no conflito mundial, 15 milhões de homens armados foram mortos, e houve 35 milhões de vítimas entre os civis; somente as duas bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki causaram 72 mil mortos e 80 mil feridos, encerrando com um trágico e prolongado acorde o massacre mundial.

Da esperança à ameaça damocleana

Imensas esperanças num mundo novo, de paz e de justiça, ganharam corpo com a destruição do nazismo, no esquecimento ou na ignorância de que o Exército Vermelho trazia não a libertação, mas uma outra servidão, e de que o colonialismo havia retomado sua ação na África e na Ásia. A Organização das Nações Unidas, instituída pela coalizão vitoriosa, viu-se logo paralisada pela rápida cristalização do mundo em dois campos que iam entrar em conflito em todos os pontos do Globo.

A guerra fria começa já em 1947. O planeta está polarizado em dois blocos, travando em toda parte uma guerra ideológica sem remissão. A despeito do equilíbrio do terror atômico, nem por isso o mundo se acha estabilizado. A bipolarização Leste-Oeste, de 1946 a 1989, de maneira nenhuma impediu enormes desmoronamentos, irrupções, transformações no planeta. O Globo muda de rosto com o desmembramento e a liquidação dos impérios coloniais, às vezes obtidos à custa de guerras implacáveis (as duas guerras do Vietnã, a guerra da Argélia). O terceiro mundo surge sob a

forma de novas nações, muitas delas formadas de etnias heterogêneas que vão gerar novos problemas (opressão de minorias, rivalidades religiosas) e nas quais, exceto alguns grandes conjuntos federados como a Índia ou a Malásia, uma balcanização artificial separa territórios complementares; essas nações são puxadas entre Leste e Oeste, isto é, entre duas receitas de desenvolvimento que na maioria das vezes trazem não soluções, mas ditaduras militares ou totalitárias, a corrupção, a exploração, a degradação das culturas nativas. Uma tentativa de "terceira via" neutralista parece esboçar-se em Bandung (abril de 1955); ela é guiada pela Índia, o Egito, a Iugoslávia, mas também aí há desmembramento e fracasso.

Ao longo desses anos, a enorme China, o Vietnã e Cuba escapam à órbita ocidental e juntam-se ao "campo socialista". O Egito, o Iraque, a Síria mudam e tornam a mudar de campo. Após a formação do Estado de Israel, o Oriente Médio torna-se uma zona de fraturas e de pestilências para o mundo inteiro; a guerra fria transforma-se ali em beligerância crônica, com irrupções periódicas de verdadeiras guerras (guerra do Sinai em 1956, guerra dos Seis Dias em 1967, guerra do Kippur em 1973, guerra do Líbano em 1975); é nesse Oriente Médio que se manifestam primeiramente os confrontos entre cristianismo/judaísmo/isiã, tradição/modernismo, Oriente/Ocidente, laicidade/religiosidade, ao mesmo tempo que se concentram enormes conflitos de interesses pela apropriação e o controle do petróleo.

O enorme bloco comunista unido pela "amizade eterna e indefectível" entre URSS e China se dissocia já em 1960; uma nova guerra fria opõe as duas ex-repúblicas irmãs, e a URSS de Brejnev é tentada a utilizar a arma atômica contra a China de Mao.

A despeito de algumas melhoras de situação passageiras, os antagonismos dos dois grandes sistemas conservam sua virulência até 1985 e inclusive se exasperam durante a guerra do Afeganistão, enquanto se intensificam os confrontos laicidade/religião, Oriente/Ocidente, Norte/Sul, modernidade/fundamentalismo, e se cava o abismo ideológico no qual irá sucumbir a certeza de um futuro melhor.

De 1956 a 1970, a esperança no messias revolucionário se deslocará da URSS para a China, tornará a se inflamar no Vietnã e em Cuba. Mas, após o definhamento do mito do "socialismo real", iniciado com o relatório Krushev, continuado pela repressão à revolução húngara (1957) e depois à primavera de Praga (1968), é a

vez do mito do socialismo chinês definir por volta de 1975 (o "complô" de Lin Pião, o caso da Camarilha dos Quatro), assim como o mito do Vietnã libertador (dominação do Camboja) e o de Cuba livre. Enfim, no processo reformador da perestroika que leva à implosão do totalitarismo comunista e ao desmembramento de seu império (1987-1991), sucumbe a grande religião de salvação terrestre que o século XIX havia elaborado para suprimir a exploração do homem pelo homem, e que o século XX fizera surgir das provações abomináveis das duas guerras mundiais para acabar com as guerras, as opressões e as desgraças da humanidade.

Os modelos ocidentais, a democracia, as leis do mercado e os princípios da livre empresa triunfam aparentemente. Mas o desmoronamento do totalitarismo do Leste não ocultará por muito tempo os problemas de economia, de sociedade e de civilização no Oeste, não reduzirá em nada os problemas do terceiro mundo transformado em Mundo Sul, e não produzirá naturalmente uma ordem mundial pacífica.

A invasão do Kuwait e a guerra do Golfo (1991-1992) provam que o Oriente Médio continua sendo uma linha de fratura mundial. A guerra entre armênios e azeris mostra que essa linha se prolonga ao norte, atravessando a ex-União Soviética, e as investidas islâmicas na África do Norte, especialmente na Argélia, são a prova de que a linha se prolonga a Oeste no Mediterrâneo.

Além disso, desde 1991, novos tornados históricos estão em formação.

A decomposição do totalitarismo desencadeia uma tripla crise em todos os países do antigo império soviético. Uma crise política, nascida da fragilidade e da insuficiência democráticas dos novos regimes, gangrenados pelas burocracias e máfias que mantêm uma continuidade com o antigo sistema, frequentemente guiados por ex-comissários brutais que se transformaram em hipernacionalistas para permanecer na crista da onda. Uma crise econômica, resultante da transição de empobrecimento, incerteza e desordem que ameaça durar, entre um antigo sistema difamado, mas que oferecia um mínimo de condições de vida e segurança, e um novo sistema que ainda não manifesta nenhum dos benefícios esperados. Uma crise nacionalista, que entra em virulência com a erupção dos etnocentrismos e particularismos, o retorno de ódios às vezes milenares ressuscitados por problemas de minorias e de fronteiras. Essas crises estimulam-se umas às outras. As desordens, a miséria,

somadas à exasperação nacionalista, favorecem o aparecimento de novas ditaduras, militares ou "populistas", e transformam as dissociações territoriais em conflitos armados, como já acontece na Moldávia, na Armênia-Azerbaijão, na Geórgia, na Iugoslávia.

As convulsões do pós-comunismo aceleram e amplificam um formidável processo de retorno ao passado, à tradição, à religião, à etnia, nascido, um pouco por todo o mundo, da crise do futuro² e dos sobressaltos de identidade contra a homogeneização. Se, por um lado, a defesa das identidades culturais aparece como um fenómeno salutar, anti-hegemônico e anti-homogeneizante, descentralizador e portador de autonomia, com a condição de integrar-se num quadro associativo, por outro lado o desmembramento e a desintegração dos impérios e nações poli-étnicas, na corrida desenfreada de cada etnia à soberania de Estado absoluta, ameaçam hoje o devir planetário. Na verdade, uma luta mundial multiforme se estabelece, no final do século XX e talvez mais além, entre as forças de associação e as de dissociação, entre as forças de integração e as de desintegração. Essa luta é aleatória e o futuro se abre sobre essa incerteza. Mas o certo é que a história mundial retomou sua marcha turbulenta, correndo a um futuro desconhecido, ao mesmo tempo que retorna a um passado desaparecido.

Mais ainda: em 1945, a bomba de Hiroshima fez a idade de ferro planetária entrar numa fase damocleana. O temor do perigo nuclear, por um tempo atenuado, redespertou durante a última década. Enquanto os Estados Unidos e a Rússia procuram reduzir um estoque nuclear capaz de destruir várias vezes a humanidade, a arma se dissemina, se miniaturiza; já foi apropriada por Estados paranóides e em breve estará à disposição de ditadores loucos e de grupos terroristas. A potencialidade de auto-aniquilamento acompanha doravante a marcha da humanidade. Uma outra ameaça damocleana ergueu-se após o alerta ecológico de 1970-1972; progressivamente fomos nos dando conta, nos anos 1980, que o desenvolvimento tecno-industrial determina degradações e poluições múltiplas, e hoje a morte paira na atmosfera, prometida no aquecimento devido ao efeito estufa. Assim, uma morte de um novo tipo se introduziu na esfera de vida da qual faz parte a humanidade.

² Ver o capítulo 3, "A agonia planetária".

A mundialização económica

Numa dialógica tornada mundial entre as forças de integração e de desintegração culturais, civilizacionais, psíquicas, sociais, políticas, a própria economia se mundializou cada vez mais e se fragilizou cada vez mais; assim, a crise econômica surgida em 1973 de uma escassez de petróleo passa por diversos avatares sem estar realmente resolvida.

A economia mundial é cada vez mais um todo interdependente: cada uma de suas partes tornou-se dependente do todo, e, reciprocamente, o todo sofre as perturbações e vicissitudes que afetam as partes.

A queda da cotação do café, por exemplo, incita os camponeses da Colômbia a cultivar a coca, que vai alimentar as redes planetárias de transformação e tráfico da droga, e depois a lavagem do dinheiro em bancos de países como a Suíça. No sentido inverso, uma reivindicação de 5% de aumento de salários na Alemanha pode afetar a cotação do cacau na Costa do Marfim através de uma redução geral da atividade econômica: a) a reivindicação incita o Banco Central, por temor da inflação, a restringir a liquidez e aumentar a taxa de juros; b) o Banco da França faz o mesmo para evitar a fuga de capitais para a Alemanha; c) dinheiro japonês é colocado na Alemanha; d) os Estados Unidos, na falta de dinheiro, fazem aumentar a taxa de juros; e) por toda parte no mundo o consumo diminui, e portanto diminui a atividade econômica; f) os países do terceiro mundo, cuja taxa de juros é indexada, têm que pagar uma taxa mais elevada; g) há menos demanda à exportação para os países subdesenvolvidos, e o preço das matérias-primas diminui, caindo portanto a cotação do cacau na Costa do Marfim.

A mundialização econômica unifica e divide, iguala e desiguala. Os desenvolvimentos econômicos do mundo ocidental e do Leste asiático tendem a reduzir nessas regiões as desigualdades, mas a desigualdade aumenta em escala global, entre "desenvolvidos" (em que 20% da população consomem 80% dos produtos) e subdesenvolvidos.

O holograma

Não apenas cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente

em cada uma de suas partes. Isso se verifica não só para as nações e os povos, mas também para os indivíduos. Da mesma forma que cada ponto de um holograma contém a informação do todo de que faz parte, doravante cada indivíduo também recebe ou consome as informações e as substâncias vindas de todo o universo.

Assim o europeu desperta toda manhã ligando seu rádio japonês e recebendo através dele os acontecimentos do mundo: erupções vulcânicas, tremores de terra, golpes de Estado, conferências internacionais lhe chegam enquanto toma seu chá do Ceilão, da Índia ou da China, a menos que seja um café moça da Etiópia ou um arábico da América latina; ele mergulha num banho espumoso de óleos taitianos e utiliza um after-shave de fragrâncias exóticas; põe sua malha, sua meia-calça e sua camisa feitas de algodão do Egito ou da Índia; veste o casaco e calças de lã da Austrália, tratada em Manchester e depois em Roubaix-Tourcoing, ou então um blusão de couro vindo da China em estilo jeans americano. Seu relógio é suíço ou japonês. Seus óculos são de escama de tartaruga das Galápagos. Sua carteira, de peçari das Caraíbas ou de réptil africano. Pode ter em sua mesa de inverno morangos ou cerejas da Argentina ou do Chile, vagens frescas do Senegal, abacates ou ananases da África, melões de Guadalupe. Dispõe do rum da Martinica, da vodca russa, da tequila mexicana, do burbom americano, do uísque irlandês. Pode escutar em sua casa uma sinfonia alemã regida por um maestro coreano, ou então assistir na televisão a ópera *La Bohème*, com a negra Barbara Hendricks como Mimi e o espanhol Plácido Domingo como Rodolfo.

O africano em sua favela não participa desse circuito planetário de conforto, mas está igualmente no circuito planetário. Em sua vida cotidiana sofre os reflexos do mercado mundial que afetam as cotações do cacau, do açúcar, das matérias-primas que seu país produz. Ele foi expulso de sua aldeia por processos mundializados provenientes do Ocidente, em particular os progressos da monocultura industrial; de camponês auto-suficiente tornou-se um suburbano em busca de salário; suas necessidades são doravante traduzidas em termos monetários. Ele aspira ao bem-estar. Utiliza o prato de alumínio ou de plástico, bebe cerveja ou Coca-Cola. Dorme sobre folhas recuperadas de espuma polistireno, e veste camisetas com inscrições à americana. Dança com músicas sincréticas, nas quais os ritmos de sua tradição entram numa orquestração

vinda da América, veiculando a memória do que seus antepassados escravizados levaram para lá. Esse africano, transformado em objeto do mercado mundial, tornou-se também sujeito de um Estado formado com base no modelo ocidental. Assim, para o melhor e para o pior, cada um de nós, rico ou pobre, traz em si, sem saber, o planeta inteiro. A mundialização é ao mesmo tempo evidente, subconsciente e onipresente.

Os esboços de consciência planetária

A despeito de todas as regressões e inconsciências, há um esboço de consciência planetária, na segunda metade do século XX, a partir de:

1. *A persistência de uma ameaça nuclear global*

A ameaça atômica foi e continua sendo um fator de consciência planetária. O grande temor virulento de 1945-1962, anestesiado sob o equilíbrio do terror, redesperta. Na medida em que novos tempos de perturbações sucedem aos antigos, a arma nuclear ressuscita a globalidade de uma ameaça para a humanidade ao se miniaturizar, ao se disseminar em novos Estados.

2. *A formação de uma consciência ecológica planetária*

O objeto da ciência ecológica é cada vez mais a biosfera em seu conjunto, e isso em função da multiplicação das degradações e poluições em todos os continentes e da detecção, desde os anos 1980, de uma ameaça global à vida do planeta. Donde uma tomada de consciência progressiva, que encontrou sua manifestação no Rio de Janeiro em 1992, da necessidade vital, para a humanidade inteira, de salvaguardar a integridade da Terra³.

3. *A entrada no mundo do terceiro mundo*

A descolonização dos anos 1950-1960 fez surgir no proscênio do Globo 1,5 bilhão de seres humanos, até então refugiados pelo Ocidente nos baixios da história. Os dois terços do mundo, que chamamos terceiro mundo, entraram no mundo. Quer essa humanidade inspire medo ou compaixão, suas tragédias, suas carências,

³ Sobre o problema ecológico planetário, ver o capítulo 3, "A agonia planetária".

sua massa nos levam a relativizar a todo instante nossas dificuldades euro-ocidentais, a mundializar nossa percepção e nossa concepção das coisas humanas. Na verdade, os problemas do terceiro mundo (demografia, alimentação, desenvolvimento) são sentidos cada vez mais como os problemas do próprio mundo.

Ao mesmo tempo, e a despeito de todos os novos fechamentos etnocêntricos, a era planetária faz reconhecer simultaneamente a unidade do homem e o interesse das culturas que diversificaram essa unidade. Sob o efeito da difusão das obras de antropólogos como Lévi-Strauss, Malaurie, Clastre, Jaulin, de documentários ou de filmes como *Os homens de Aran*, *Sombras brancas*, *Nanuk o esquimó* ou *Dersu Uzala*, a visão ocidentalo-cêntrica, que considerava como atrasados os seres humanos das sociedades não ocidentais e como infantis os das sociedades arcaicas, dá lugar lentamente a uma percepção mais aberta que descobre sua sagacidade e suas habilidades, bem como a riqueza e a diversidade extraordinárias das culturas do mundo.

4. *O desenvolvimento da mundialização civilizacional*

Esta se desenvolve, para o pior e para o melhor: para o pior, acarreta destruições culturais irremediáveis; homogênea e padroniza os costumes, os hábitos, o consumo, a alimentação (fast-food), a viagem, o turismo; mas essa mundialização opera também para o melhor porque produz hábitos, costumes, gêneros de vida comuns através das fronteiras nacionais, étnicas, religiosas, rompendo um certo número de barreiras de incompreensões entre indivíduos ou povos. Ela desenvolve vastos setores de laicização e de racionalidade onde não intervêm mais as proibições e maldições religiosas. As comunicações se multiplicam entre adolescentes, portadores das mesmas aspirações, da mesma cultura cosmopolita, dos mesmos códigos. Por outro lado, engenheiros, cientistas, homens de negócios circulam em redes internacionais de relações, colóquios, congressos, seminários. Mas convém dizer também que as contracorrentes que sacralizam a nação e a etnia restabelecem as compartimentações e as rejeições. Também aqui, o mesmo processo comporta uma profunda ambivalência.

5. *O desenvolvimento de uma mundialização cultural*

Enquanto a noção de civilização recobre essencialmente tudo o que é universalizável: técnicas, objetos utilitários, habilidades,

modos e géneros de vida baseados no uso e consumo dessas técnicas e objetos, a noção de cultura recobre tudo o que é singular, original, próprio a uma etnia, a uma nação. Todavia, os conteúdos dessas duas noções podem se transvasar parcialmente uma na outra. Aliás, indiquei" que a ciência, a técnica, a racionalidade, a laicidade eram os produtos históricos singulares da cultura ocidental antes de se tornarem elementos de civilização que se universalizaram. Depois, a difusão dessa civilização, ao generalizar novos modos de vida e de pensamento, cria uma cultura cosmopolita, cultura da era planetária.

O devir cultural é um processo ambivalente com dois aspectos antagónicos: 1) homogeneização, degradação, perda das diversidades; 2) encontros, novas sínteses, novas diversidades.

Quando se trata de arte, música, literatura, pensamento, a mundialização cultural não é homogeneizante. Formam-se grandes ondas transnacionais, mas que favorecem a expressão das originalidades nacionais em seu interior. Foi o que aconteceu na Europa com o classicismo, as Luzes, o romantismo, o realismo, o surrealismo. As traduções de uma língua a outra dos romances, ensaios, livros filosóficos, permitiram a cada país ter acesso às obras dos outros países e alimentar-se de cultura europeia, alimentando-a ao mesmo tempo com suas próprias obras. O século XX presenciou a mundialização desse processo cultural. As traduções se multiplicam. Os romances japoneses, latino-americanos, africanos são publicados nas grandes línguas europeias, e os romances europeus são publicados na Ásia e nas Américas. É verdade que essa nova cultura mundial, que recolhe as contribuições originais de múltiplas culturas, limita-se ainda a esferas restritas em cada nação; mas seu desenvolvimento é um traço marcante da segunda metade do século XX.

Paralelamente, as culturas orientais suscitam no Ocidente diversas curiosidades e interrogações. O Ocidente já havia traduzido o Avesta e os Upanixades no século XVIII, Confúcio e Lao-Tsé no século XIX, mas as mensagens da Ásia permaneciam apenas objetos de estudos eruditos. É somente no século XX que as filosofias e místicas do Islã, os textos sagrados da Índia, o pensamento do Tao, o do budismo se tornam fontes vivas para a alma ocidental exercitada/encadeada no mundo do ativismo, do produtivismo, da

eficácia, da diversão. Surge então uma demanda para a qual acorrem as formas vulgarizadas e comercializadas da ioga e do zen, que prometem a harmonia do corpo e a paz da alma.

6. A formação de um folclore planetário

Ao longo deste século, os meios de comunicação produziram, difundiram e misturaram um folclore mundial a partir de temas originais oriundos de culturas diferentes, ora recuperados, ora sincretizados. Tudo começou nos anos 1920 com o cinema, no início "divertimento de hilotas", segundo a expressão do académico Georges Duhamel, que exprimia o desprezo da casta intelectual e universitária. O cinema tornou-se arte e ao mesmo tempo indústria, num paradoxo por muito tempo ininteligível para a alta intelectualidade, e depois, após um tempo de purgatório, foi reconhecido como sétima arte. A formidável "fábrica de sonhos" de Hollywood criou e propagou um novo folclore mundial com o western, o filme "noir", o thriller, a comédia musical, o desenho animado de Walt Disney a Tex Avery. As nações ocidentais, e depois as orientais, produziram seu cinema. É verdade que frequentemente há mais fabricação do que criação num grande número de filmes, mas a maravilha é que a arte do cinema floresceu por toda parte, em todos os continentes, e, por intermédio da dublagem e da difusão pelas telas de TV, tornou-se uma arte mundializada, preservando ao mesmo tempo as originalidades dos artistas e das culturas. Pode-se mesmo assinalar que co-produções que reúnem realizadores, atores e artistas de diferentes nacionalidades, como acontece muito hoje, do Leopardo de Visconti ao Ran de Kurosawa, chegam, através do cosmopolitismo de sua produção, a uma autenticidade estética que se perdeu nos folclores regionais empobrecidos...

Um folclore planetário se constituiu e se enriqueceu por integrações e encontros. Espalhou pelo mundo o jazz que se ramificou em diversos estilos a partir de Nova Orleães, o tango nascido no bairro portuário de Buenos Aires, o mambo cubano, a valsa de Viena, o rock americano que por sua vez produziu variedades diferenciadas no mundo inteiro. Integrou a cítara indiana de Ravi Shankar, o flamenco andaluz, a melopeia árabe de Oum Kalsoum, o huayno dos Andes; suscitou os sincretismos da salsa, do rai, do flamenco-rock,

O desenvolvimento da mundialização cultural é evidentemente inseparável do desenvolvimento mundial das redes

*Penxerl/Europe, Paris, Oallimard, 1987, p. 101-158.

mediáticas, e da difusão mundial dos modos de reprodução (cassetes, CDs, vídeo).

7. *A tele-participação planetária*

As guerras na Ásia eram totalmente ignoradas na Europa até o início do século XX; a invasão da China pelo Japão em 1931 foi muito periférica e longínqua, conhecida apenas por algumas imagens transmitidas tardiamente nos jornais cinematográficos. A guerra do Chaco entre Bolívia e Argentina (1932-1935) transcorreu como que num outro planeta. Foi depois de 1950 que a guerra da Coreia, do Vietnã e (com a generalização da televisão) as do Oriente Médio se tornaram próximas.

Desde então, o mundo chega diariamente em caleidoscópio aos lares, na hora da refeição, pelas imagens de inundações, ciclones, derramamentos de lava, fomes, matanças, revoluções palacianas, atentados, jogos e campeonatos mundiais e internacionais. Não há um evento, um advento, uma catástrofe que não sejam captados por uma câmera e enviados a todos os horizontes em centenas de milhões de instantâneos. O mundo viu ao vivo o assassinato do presidente Kennedy em Dallas em 1963, depois o assassinato de seu suposto assassino, a chegada de Sadat a Jerusalém e seu assassinato em 1981, o atentado contra o papa em Roma, o assassinato de Indira Gandhi, o de seu filho Rhajiv que a sucedera, viu Boris Yeltsin subir num tanque para desafiar os golpistas de Moscou, a descida de avião na volta de sequestro de Mikhail Gorbachev, o assassinato de Mohammed Boudiaf na Casa de Cultura de Anaba. Desde 1991, a CNN varre diariamente com seu olhar-câmera todos os acontecimentos em todos os pontos do mundo; instalou-nos em Bagdá durante os bombardeios americanos, em Tel-Aviv durante a interceptação dos Scud pelos Patriot; colocou-nos no cortejo de posse de Bill Clinton.

Estranha mundialização: consumimos como espectadores as tragédias, hecatombes, horrores deste mundo, mas também participamos da vida dos outros e nos comovemos com suas infelicidades. Ainda que por uma fração de segundo, a emoção humana irrompe e vai-se levar roupas e contribuições aos serviços internacionais de ajuda e às missões humanitárias.

É verdade que no início do século XX havia campanhas de caridade ou coletas filantrópicas para ajudar "as crianças chinesas".

Mas as infelicidades do mundo não chegavam nem aos olhos nem aos ouvidos ocidentais. Além disso, por muito tempo a guerra ideológica nos tornou cegos e surdos às torturas cometidas em nome da boa causa. A brecha no muro de insensibilidade foi aberta em 1969-1970 pela intervenção em Biafra dos médicos sem fronteiras ideológicas. Atualmente nos interessamos, nos compadecemos pelas misérias dos outros porque as vemos (mas somente quando as vemos⁵); ajudas médicas e alimentares são então encaminhadas para os longínquos lugares de sofrimento.

Assim constituiu-se a tele-participação planetária: as catástrofes que atingem nossos antípodas suscitam impulsos de compaixão fugazes e o sentimento de pertença à mesma comunidade de destino, doravante a do planeta Terra. Sentimo-nos planetários por flashes.

É assim que existe a "aldeia global" de McLuhan - unida e dividida como uma aldeia, atravessada de incompreensões e de inimizades como uma aldeia.

8. *A Terra vista da Terra*

O planeta Terra revelou-se recentemente aos olhares dos terráqueos. Após o primeiro Sputnik de 1957 e o primeiro vôo circunterrestre do Magalhães espacial Gagarin, uma parte muito grande da humanidade pôde contemplar nas telas de TV, em 1969, a Terra vista da Lua. Doravante essa presença planetária, difundida e multiplicada nos jornais, posters e camisetas, encontrou em cada um sua morada.

A despeito das fixações particularistas, locais, etnocêntricas, a despeito da incapacidade de contextualizar os problemas (que não é apenas a dos rurais isolados, mas também dos tecnocratas abstratos), a despeito das percepções parcelares, das visões unilaterais e das focalizações arbitrárias, concretiza-se o sentimento de que há uma entidade planetária à qual pertencemos, de que há problemas propriamente mundiais, trazendo nele uma

⁵ Assim as hecatombes dos campos de concentração nazistas só foram reconhecidas com a chegada ao local das tropas aliadas, os milhões de mortos do Gulag foram ignorados durante décadas, os honores da revolução cultural chinesa foram silenciados; e, tanto hoje como amanhã, há e haverá zonas de sofrimento e tenor ocultas ou ignoradas por não haver ali uma câmera de televisão.

evolução para a consciência planetária. Assim, de forma ainda intermitente mas múltipla, a global mind se desenvolve.

2 A carteira de identidade terrestre

Surgimento da humanidade

Ao antigo substrato bio-antropológico que constitui a unidade da espécie humana acrescenta-se agora um tecido comunicacional, civilizacional, cultural, económico, tecnológico, intelectual, ideológico. A espécie humana doravante nos aparece como humanidade. Doravante a humanidade e o planeta podem se revelar em sua unidade, não apenas física e biosférica, mas também histórica: a da era planetária.

Migrações e mestiçagens, produtoras de novas sociedades poli-étnicas, policulturais, parecem anunciar a Pátria comum a todos os humanos. Entretanto, nas formidáveis misturas de populações, há mais justaposição e hierarquização do que integração verdadeira; no encontro das culturas, a incompreensão ainda prevalece sobre a compreensão; através das osmose, as forças de rejeição permanecem muito fortes. A mundial idade aumenta, mas o mundial ismo ainda mal desperta.

A humanidade comunicante permanece uma humanidade em *patchwork* [colcha de retalhos]. A balcanização se agrava ao mesmo tempo que a mundialização (ver capítulo 3). Há embriões de ação e de pensamento planetários, mas com enormes atrasos e paralisias sob o efeito dos localismos e provincialismos. A unidade intersolidária do planeta não se tornou uma unidade de sociedade (das nações), e, embora haja doravante uma comunidade de destino, ainda não há consciência comum dessa Schicksalgemeinschaft.

Pelo contrário: assim como na primeira metade do século XX a interdependência planetária se manifestou por duas guerras mundiais, os progressos da planetarização, na atualidade, se manifestam por convulsões agônicas.

As ideias que pareciam mais certas sobre a natureza do universo, sobre a natureza da Terra, sobre a natureza da Vida e sobre a própria natureza do homem são subvertidas nos anos 1950-1970, a partir dos progressos concomitantes da astrofísica, das ciências da Terra, da biologia, da paleontologia. Esses progressos revolucionantes permitem a emergência de uma nova consciência planetária.

De um cosmos a outro

Durante milénios, o mundo teve por centro e por realeza a Terra, em torno da qual Sol e planetas cumpriam sua órbita obediente. Esse mundo havia sido observado pelos astrónomos da Antiguidade e confirmado pelo sistema de Ptolomeu, cuja validade irá perdurar até o início dos tempos modernos.

Depois, com Copérnico, Kepler, Galileu, a Terra deixou de ser o centro do universo e tornou-se um planeta redondo em torno do Sol, a exemplo dos outros planetas. Mas o Sol permaneceu no centro de todas as coisas. Até o final do século XVIII, o universo continuou a obedecer a uma ordem impecável, que testemunhava a perfeição de seu criador divino. Newton havia estabelecido as leis que asseguravam o baile dos corpos da harmoniosa mecânica celeste. No começo do século XIX, Laplace expulsou o Deus Criador de um universo auto-suficiente e que se tornara uma máquina perfeita para toda a eternidade. E, até o começo do século XX, o universo permaneceu impecavelmente estático. Mesmo quando Einstein retirou-lhe todo centro privilegiado, ele conservou seu caráter incriado, auto-suficiente, perpetuado ao infinito.

É somente em 1923 que a astronomia descobre a existência de outras galáxias que logo irão se contar aos milhões e, desde então, marginalizar a nossa; em 1929, a comprovação por Hubble da passagem para o vermelho da luz emitida pelas galáxias longínquas

fornece a primeira indicação empírica da expansão do universo. As galáxias se afastam umas das outras numa deriva universal que atinge velocidades espantosas, e essa .debandada faz desabar a ordem eterna do universo.

Esse universo que se dilata e se dispersa irá sofrer um cataclismo ainda maior na segunda metade do século XX. Em 1965, Penzias e Wilson captam uma irradiação isotrópica proveniente de todos os horizontes do universo; esse "ruído de fundo cosmológico" só pode ser logicamente explicado como o resíduo fóssil de uma deflagração inicial, e a hipótese de um universo cuja expansão dispersiva seria o fruto de uma catástrofe primeira adquire então consistência. Desde então se supôs que, a partir de um fiat lux inicial, o universo surgira como irradiação à temperatura de 10^3 graus Kelvin, e que num primeiro milionésimo de segundo haviam se criado tanto os fótons como os quarks, elétrons, neutrinos. Depois, na intensa agitação térmica em que começava um esfriamento progressivo, os encontros entre partículas formaram núcleos (prótons) e posteriormente átomos de hidrogénio. Era preciso então compreender como, nesse universo primitivo, homogéneo, puderam aparecer as primeiras disparidades capazes de explicar seu desmembramento em metagaláxias desiguais, mães das galáxias e das estrelas. Foi a informação que o satélite Cobe trouxe em abril de 1992, detectando nos confins do universo, a uma distância de 15 bilhões de anos-luz e talvez apenas trezentos mil anos após o evento original, ínfimas variações de densidade de matéria¹.

Nos mesmos anos 1960 em que um devir cósmico prodigioso ganha forma, vemos aparecer no universo atual estranhezas até então inimagináveis: quasares (1963), pulsares (1968), depois buracos negros, e os cálculos dos astrofísicos fazem supor que conhecemos apenas 10% da matéria, 90% sendo ainda invisível a nossos instrumentos de detecção. Estamos portanto num mundo feito apenas muito minoritariamente de estrelas e de planetas, e que comporta enormes realidades invisíveis.

t E eis-nos aqui, neste começo de milénio, num universo que traz em seu princípio o Desconhecido, o Insondável e o Inconcebível. Eis-nos num universo nascido de um desastre e cuja organização só pôde se dar a partir de uma minúscula imperfeição e de uma

formidável destruição (de antimatéria). Eis-nos num universo que, a partir de um acontecimento/acidente que escapa a todas as nossas possibilidades de conhecimento atual, se autocriou, autoproduziu, auto-organizou. Eis-nos num universo cujo ecossistema necessário à sua organização é talvez o nada (tudo que se auto-organiza se alimenta de energias, nosso universo se alimenta das formidáveis energias surgidas da irrupção térmica inicial, mas de onde saíram essas energias?). Eis-nos num universo que se organiza¹ desintegrando-se. Eis-nos num universo que traz ainda em si outros espantosos mistérios, entre os quais o aniquilamento, no momento mesmo de sua formação, das antipartículas pelas partículas, ou seja, a destruição quase total da antimatéria pela matéria, a menos que, mistério não menos espantoso, um universo de antimatéria acompanhe de forma oculta nosso universo, ou então que este seja apenas um ramo de um polimorfo pluriverso. Eis-nos num universo no limite do possível que, se não tivesse a densidade bem definida de matéria que possui, deveria ou ter voltado a se contrair imediatamente após seu nascimento, ou ter se dilatado sem produzir galáxias nem estrelas. Eis-nos num universo com tamponamentos de galáxias, colisões e explosões de astros, no qual a estrela, longe de ser uma esfera que baliza o céu, é uma bomba de hidrogénio em câmara lenta, um motor de chamas. Eis-nos num universo em que o caos funciona, e que obedece a uma dialógica na qual ordem e desordem não são apenas inimigas, mas cúmplices para que nasçam suas organizações galáxicas, estelares, nucleares, atômicas. Eis-nos num universo em que certamente muitos enigmas serão elucidados, mas que jamais voltará à sua antiga simplicidade mecânica, que jamais recuperará seu centro solar, e no qual aparecerão outros fenômenos ainda mais espantosos que os que acabamos de descobrir.

- E eis-nos também numa galáxia marginal, a Via Láctea, surgida 8 bilhões de anos após o nascimento do mundo, e que, com suas vizinhas, parece atraída para uma enorme massa invisível chamada "Grande Atrator". Eis-nos na órbita de um súdito menor no império da Via Láctea, surgido 13 bilhões de anos após o nascimento do mundo, 5 bilhões de anos após a formação da Via Láctea. Eis-nos num pequeno planeta nascido há 4 bilhões de anos.

Tudo isso é hoje conhecido, há pouco tempo certamente, e, embora amplamente difundido pelos livros, a imprensa e as exposições televisuais de Hawkins e Reeves, o novo cosmos não penetrou nossos espíritos, que vivem ainda no centro do mundo, numa

¹ Que podem ser interpretadas como os resíduos do início da heterogeneização na distribuição da matéria, prelúdio à formação das galáxias.

Terra estática e sob um Sol eterno. O novo cosmos não suscitou nem curiosidade, nem espanto, nem reflexão entre os filósofos profissionais, inclusive os que tratam doutamente do mundo. É que hoje nossa filosofia esterilizou o espanto do qual ela nasceu. E que nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar, e não a ligar os conhecimentos, e portanto nos faz conceber nossa humanidade de forma insular, fora do cosmos que nos cerca e da matéria física com que somos constituídos.

Assim, sabemos sem querer saber que nos originamos deste mundo, que todas as nossas partículas foram formadas há 15 bilhões de anos, que nossos átomos de carbono se constituíram num sol anterior ao nosso, que nossas moléculas nasceram na Terra e talvez tenham aqui chegado às vezes por meteoritos. Sabemos sem querer saber que somos filhos desse cosmos, que carrega em si nosso nascimento, nosso devir, nossa morte.

É por isso que não sabemos ainda nos situar dentro dele, ligar nossas interrogações sobre este mundo e as interrogações sobre nós mesmos. Ainda não somos instigados a refletir sobre nosso destino físico e terrestre. Ainda não tiramos as consequências da situação marginal, periférica de nosso planeta perdido e de nossa situação nesse planeta.

No entanto, é no cosmos que devemos situar nosso planeta e nosso destino, nossas meditações, nossas ideias, nossas aspirações, nossos temores, nossas vontades.

O planeta singular

O que é esse planeta, esse grão de poeira cósmica onde emergiu a vida, onde a vegetação produziu o oxigênio de sua atmosfera, onde o conjunto dos seres vivos, espalhando-se por toda a sua superfície, constituiu uma biosfera eco-organizada e auto-regulada, onde, originada de um ramo do mundo animal, a aventura da hominização se lançou e se desenvolveu?

Esse grão de poeira cósmica é um mundo. Mundo por muito tempo desconhecido dos homens que não obstante haviam recoberto o planeta há várias dezenas de milhares de anos ao se separarem uns dos outros. A exploração sistemática da superfície da Terra efetuou-se ao mesmo tempo que se desenvolveu a era planetária, e dela expulsou paraísos, titãs, gigantes, deuses ou

outros seres fabulosos, para reconhecer uma Terra de vegetais, de animais e de humanos. A partir do século XVIII, a investigação científica penetra os subsolos terrestres e começa a estudar a natureza física do planeta (geologia), a natureza de seus elementos (química), a natureza misteriosa de seus fósseis (paleontologia). A existência da Terra não é mais apenas de superfície, mas de profundidades. Ela não é mais estática, é evolutiva. Descobre-se que a Terra tem uma história². Esta adquire forma no século XIX³. E, no limiar do século XX, o alemão Alfred Wegener elabora a teoria da deriva dos continentes que, após muitas recusas, será confirmada graças à exploração sistemática, a partir dos anos 1950, dos fundos oceânicos pelas técnicas de sondagem magnética, elétrica, sísmica e acústica.

É nos anos 1960 que surge, juntamente com um novo cosmos, uma nova Terra. A tectônica das placas permite então que as ciências da Terra se liguem numa concepção de conjunto, e o planeta, deixando de ser uma bola, um suporte, um alicerce, torna-se um ser complexo que tem sua vida própria, suas transformações, sua história: esse ser é ao mesmo tempo uma máquina térmica que não cessa de se auto-reorganizar. A superfície ou crosta terrestre recobre o manto, espécie de ovo mole que envolve um núcleo onde reina um calor intenso.

Nossa crosta viveu e continua a viver uma aventura prodigiosa, feita de movimentos dissociativos, reassociativos, verticais, horizontais, de derivas, encontros, choques (tremores de terra), curto-circuitos (erupções vulcânicas), quedas catastróficas de grandes meteoritos, glaciações e aquecimentos.

²O italiano Giovanni Arduino classifica as rochas segundo três idades, primária, secundária, terciária (1759). Buffon lança-se a uma primeira cronologia do conjunto do Globo, que parte do nascimento de nosso planeta, suposto ser um fragmento arrancado ao Sol por um cometa (*Epoques da la nature*, 1749-1778); ele considera seus processos físicos, zoológicos, botânicos e finalmente antropológicos, nos quais "a vida humana... não é senão um ponto na duração".

³A noção de sinclinal, proposta pelo naturalista americano James Dana, permite compreender a formação dos relevos por dobramentos (1873). O geólogo austríaco Eduard Suess explica as regressões e transgressões marinhas pelas variações do nível do oceano (1875). O geólogo americano Dutton formula em 1889 a teoria da isostasia da crosta terrestre que flutua sobre um meio fluido.

De onde vem a Terra? E nas últimas décadas deste século que se considera sua gênese, não mais a partir de um divórcio com o Sol, mas a partir de um ajuntamento de detritos celestes⁴. Como os outros planetas, ela teria se formado por encontro e aglomeração de poeiras cósmicas, talvez após a explosão de uma supernova, de onde teriam se constituído planetesimais", eles próprios reunindo-se e aglomerando-se no movimento mesmo de formação do sistema solar. A Terra em gestação teria então se tornado o satélite do Sol recém-nascido; a aglomeração muito heterogênea teria se estruturado em núcleo e manto e, a partir do manto, um magma pastoso teria se solidificado em crosta.

A Terra é um ser caótico cuja organização se autoconstitui no confronto e na colaboração da ordem e da desordem. Sua infância é submetida aos bombardeios de meteoritos, entregue às erupções que expelem os gases, os quais formarão as águas e a primeira atmosfera, enquanto o ferro penetra até seu centro onde permanece líquido. Depois, sempre em meio a erupções e tremores de terra, ela é varrida por tempestades a uma temperatura que atinge 250°. As águas diluvianas provocam as primeiras erosões (captação pelo cálcio do gás carbônico da atmosfera) e fazem baixar a temperatura.

De seu nascimento até menos de 2,7 bilhões de anos, a Terra permanecerá geologicamente muito ativa, destruindo, transformando os primeiros vestígios emersos e imersos de sua história. Esse período arcaico é provavelmente o da elaboração dos primeiros continentes imediatamente submetidos a uma erosão intensa.

Depois, até cerca de 560 milhões de anos atrás, a Terra teria entrado numa espécie de longa Idade Média, com a crosta arcaica sendo paulatinamente substituída por uma nova crosta feita de sedimentos endurecidos, dobrados e depois erodidos, consolidados por injeções de granitos, agregados em patchwork que iria se fragmentar em continentes, em deriva uns em relação aos outros. A teoria da tectônica das placas permite hoje conceber o complexo fenômeno de construção da superfície da terra que lhe dá seu aspecto atual, ao cabo de 2 bilhões de anos durante os quais a vida se desenvolve e se espalha. Assim, um amontoado de detritos cósmicos adquiriu forma e organização para tornar-se o planeta Terra, e, numa agitada aventura de 4 bilhões de anos, formou-se e organizou-se um sistema complexo, com núcleo, manto e crosta.

⁴ Ver Cl. Allègre, *Introducción à une hiswire naturelle*, Paris, Fayard, 1992.

E eis aí um planeta aparentemente ajuizado, com seus continentes, ilhas, montanhas, vales, paisagens; suas águas, rios, mares, oceanos; sua atmosfera, sua estratosfera e, somente de tempo em tempo, tremores de terra, erupções vulcânicas, tornados, maremotos.

Mas, embora sendo um planeta dependente do Sol, essa Terra-Mundo é completa, isolada, autônoma, e obtém sua autonomia de sua própria dependência. É um planeta que se tornou singular e solitário entre os outros planetas do sistema solar e os astros da galáxia. E foi nessa solidão singular que ela fez nascer algo de solitário e de singular em todo o sistema solar, provavelmente na galáxia, talvez no cosmos: a vida.

A terra da vida

No pequeno planeta de um pequeno sol periférico da Via Láctea, galáxia perdida e à deriva entre milhões de outras, apareceram há talvez 3,8 bilhões de anos, nos tormentos genésicos sacudidos de erupções e tempestades, as primeiras manifestações do que poderá tornar-se a vida.

O nascimento da vida num mundo físico foi incompreensível enquanto se pensou que a matéria viva era de uma outra natureza e dispunha de outras propriedades que a matéria físico-química, e que não obedecia ao segundo princípio da termodinâmica, o qual condena à entropia, isto é, à dispersão e/ou à desorganização, todas as coisas físicas. Ora, é a partir de 1950, após a descoberta por Watson e Crick do código genético inscrito no DNA das células vivas, que se revela que a vida é formada dos mesmos constituintes físico-químicos que o resto da natureza terrestre, e que difere unicamente pela complexidade original de sua organização. Alguns anos mais tarde, no início dos anos 1970, a termodinâmica de Prigogine mostra que certas condições de instabilidade favorecem não apenas desordens e turbulências, mas formas organizadoras que se geram e se regeneram por si mesmas. Torna-se desde então concebível que a vida emerge das desordens e turbulências da Terra.

Assim, portanto, pode-se doravante admitir, em nosso começo de século, que a organização viva seja o fruto de uma complexificação organizacional não linear, mas resultante de encontros aleatórios

entre macro-moléculas⁵, talvez eventualmente na superfície das pedras⁶, mas finalmente em meio líquido turbilhante. A origem da vida permanece ainda um mistério sobre o qual não cessam de ser elaborados argumentos⁷. Mas a vida só pôde nascer de um misto de acaso e necessidade, cuja combinação podemos dosar. Há um "continuum" de complexificação físico-química; mas esse continuum comporta saltos múltiplos, entre os quais o da separação entre meio externo e meio interno, o das trocas de energia e o da diferenciação das trocas, e enfim, sobretudo, o salto hipercomplexificante radical de uma organização estritamente química para uma auto-eco-reorganização dotada de uma dimensão cognitiva (computacional-informacional-comunicacional⁸), capaz de auto-reorganizar-se, auto-reparar-se, auto-reproduzir-se, apta a extrair organização, energia e informação em seu ambiente.

O problema torna-se então: como tal organização pôde aparecer na Terra? O aparecimento da vida é um acontecimento único, devido a uma acumulação altamente improvável de acasos, ou, ao contrário, o fruto de um processo evolutivo, se não necessário, ou pelo menos altamente provável?

No sentido da probabilidade:

- a formação espontânea de macro-moléculas próprias à vida em certas condições que podem se reproduzir em laboratório;
- a descoberta em meteoritos de ácidos aminados precursores dos da vida;
- a demonstração pela termodinâmica prigoginiana de que, em certas condições de instabilidade, há constituição espontânea de organização, donde a probabilidade de reuniões organizadas cada vez mais complexas de macro-moléculas em condições termodinâmicas específicas (turbilhões);
- a possibilidade de que, nessas condições de encontros no curso de uma longa duração, tenha se efetuado um processo seletivo

⁵ Algumas delas podem ter chegado por meteoritos.

⁶ Antoine Danchin desenvolveu a hipótese, muito pessoal, da origem pétreia da vida (*Une aurore de pierre*. Paris, Editions du Seuil, 1990).

⁷ Ver M. Eigen, "Self-Organisation of the matter and the evolution of biological macromolecules", *Naturwissenschaften*, vol. 58, 465. Ao que é preciso acrescentar o argumento da origem extraterrestre da vida, proposta por Crick.

⁸ Sobre essas noções, ver E. Morin, *La Méthode*, t. 2, *La Vie de la Vie*, Paris, Editions du Seuil, "Points Essais", 1985, p. 177-192.

em favor de conjuntos moleculares complementares RNA/proteínas, tornados aptos a se auto-replicarem e a metabolizarem;

- a elevadíssima probabilidade de que, num universo de bilhões e bilhões de astros, haja milhões de planetas análogos à Terra, portanto a probabilidade de existência de seres vivos em outras regiões do cosmos.

No sentido do improvável, os argumentos são os seguintes:

- o salto qualitativo/quantitativo (a menor bactéria é um complexo de milhões de moléculas) e a descontinuidade radical entre a mais complexa das organizações macro-moleculares e a auto-eco-reorganização viva (que é, repetimos, de natureza computacional-informacional-comunicacional) tornam esta altamente improvável;
- a organização viva é em si mesma fisicamente improvável, no sentido de que, conforme o segundo princípio da termodinâmica, é a dispersão dos constituintes moleculares do ser vivo que obedece à probabilidade física, a qual se realiza efetivamente na morte;
- muitos indícios sugerem que a vida teria surgido uma única vez, isto é, que todos os seres vivos teriam um mesmo e único ancestral, o que reforça a hipótese de que um acaso extremamente improvável teria ocorrido em sua origem;
- não há nenhum sinal, nenhum vestígio de vida no sistema solar, nenhuma mensagem que nos chegue do cosmos;
- além disso, o argumento segundo o qual outros planetas teriam se beneficiado de condições análogas às nossas não conta mais se, na própria Terra, a vida foi o fruto de um acaso inédito.

Não se pode descartar uma terceira hipótese; talvez haja organizações muito complexas no universo, dotadas de propriedades de autonomia, de inteligência e até de pensamento, mas que não estariam fundadas numa organização núcleo-proteica e que seriam (atualmente? para sempre?) inacessíveis à nossa percepção e ao nosso entendimento.

De qualquer modo, estamos ainda numa profunda incerteza no que concerne ao caráter inevitável ou fortuito, necessário ou milagroso, do aparecimento da vida, e essa incerteza repercute evidentemente sobre o sentido de nossas vidas humanas. Seja como for, a vida emerge ao mesmo tempo como emanção e criação da Terra.

Seja como for - e mesmo que, como supôs Crick, os germes da vida (arqueo-bactérias) sejam de origem extraterrestre -, a Terra é o berço da vida.

Seja como for, há solidão da vida terrestre no sistema solar e na Via Láctea.

Seja como for, foi aparentemente um primeiro ser vivo que se reproduziu, se multiplicou, adquiriu formas inumeráveis e povoou a Terra.

As arqueobactérias, e depois as bactérias, proliferaram nas águas, na atmosfera, na terra, constituindo durante 2 bilhões de anos a única biosfera, cujos membros se comunicavam gradativamente (em particular por injeção de DNA de uma bactéria a outra). No seio dessa telúrica solidariedade apareceram simbioses a partir das quais se formaram as células com núcleo, eubactérias, depois eucariontes, as quais se associaram e organizaram para formar os seres pluricelulares, vegetais e animais.

É possível que algas unicelulares tenham utilizado a energia solar (fotossíntese). De todo modo, o desenvolvimento da vida vegetal espalha o oxigênio na atmosfera, o que permite a vida aeróbia e o desenvolvimento do mundo animal, o qual, privado do poder de fotossíntese, irá buscar sua energia devorando outras vidas.

A vida se espalha nos mares, alastra-se nos solos que se formam e se cobrem de árvores e plantas, voa nos ares com os insetos e as aves.

Iniciada há 450 milhões de anos, a grande diversificação possibilita uma dialógica multiforme entre animais e vegetais, em que os seres vivos vão se alimentar uns aos outros e constituir, através de suas interações ao mesmo tempo antagônicas, concorrentes e complementares, as eco-organizações ou ecossistemas⁹.

A história da vida sofre as transformações e cataclismos da crosta terrestre. Seu devir é inseparável da formação dos mares e dos continentes, do levantamento, da erosão dos relevos. Às vezes, mínimas modificações geográficas, climáticas, ecológicas, genéticas repercutem em cadeia sobre o conjunto. Os ecossistemas evoluem por desorganizações e reorganizações. Nossas eras se sucedem através de uma dialética de inovações, acidentes, catástrofes. Após o aparecimento floral, uma extraordinária cooperação

se estabelece entre insetos e flores. Um cataclismo telúrico permite talvez o prodigioso desenvolvimento dos mamíferos, que teriam se beneficiado de uma extinção em massa dos dinossauros no final da era secundária, depois de um bólido cósmico ter atingido a Terra, cavado um abismo e levantado uma nuvem de poeira tão grande que o empobrecimento generalizado da vegetação teria causado a morte dos gigantescos herbívoros.

Através de bifurcações e ramificações, a vida manifesta há 500 milhões de anos uma extrema diversidade: plantas, invertebrados e vertebrados; entre os vertebrados, ágnatos, peixes, répteis e mamíferos; entre os mamíferos, os primatas que há 70 milhões de anos se espalharam no Velho e no Novo Mundo então reunidos, e, há 35 milhões de anos, os primatas superiores na África e na Arábia; entre esses primatas vão surgir, há 17 milhões de anos, os predecessores do homem.

Assim, na Terra, formou-se e desenvolveu-se uma "árvore da vida"; essa árvore não é evidentemente uma coluna regular, portadora de simétricas ramadas. É uma eflorescência de umbelas, cachos, panículas dos mais diversos aspectos e perfumes, um frondoso entrelaçamento em que raízes e ramos se juntam e se afastam.

A árvore da vida é ao mesmo tempo esfera da vida. Esta, interagindo com as condições geoclimáticas, produziu múltiplos nichos, cujo conjunto constitui a biosfera.

O homem, ramo último e desviante da árvore da vida, aparece no interior da biosfera, a qual, ligando ecossistemas a ecossistemas, envolve já todo o planeta. Trata-se de uma camada de vida e de atmosfera muito delgada em comparação com distâncias cósmicas. E, assim como a Terra física foi sua placenta, ela é a placenta da humanidade.

A vida portanto, nascida da Terra, é solidária da Terra. A vida é solidária da vida. Toda vida animal tem necessidade de bactérias, plantas, outros animais. A descoberta da solidariedade ecológica é uma grande e recente descoberta. Nenhum ser vivo, mesmo humano, pode libertar-se da biosfera.

A identidade humana

Depois que se passou a duvidar das narrativas mitológicas do nascimento do homem, sua origem e sua natureza colocaram problemas à humanidade.

⁹ Ver E. Morin (especialmente no que concerne aos anéis tráficos, à eco-evolução e às eco-evoluções), Paris, *La Méthode*, t. 2, *La Vie de la Vie*, op.cit., p. 21-30, 34-36, 47-56.

Os modernos fizeram do homem um ser quase sobrenatural que progressivamente assume o lugar vazio de Deus, uma vez que Bacon, Descartes, Buffon, Marx lhe dão por missão dominar a natureza e reinar sobre o universo. Mas, a partir de Rousseau, o romantismo irá ligar umbilicalmente o ser humano à Natureza-Mãe. Neste sentido, do lado dos escritores e poetas, efetua-se a maternização da Terra. Do lado dos técnicos e dos cientistas, ao contrário, efetua-se a coisificação da Terra, constituída de objetos a serem manipulados sem piedade.

O racionalismo das Luzes tende a ver o mesmo ser humano, com as mesmas qualidades e paixões fundamentais, nas diversas civilizações, mas o romantismo, na esteira de Herder, vai insistir nas singularidades que as culturas imprimem em cada indivíduo. Assim serão percebidas, não ao mesmo tempo, mas alternadamente, ou a unidade, ou a diversidade humanas.

Durante o século XIX, as ciências naturais reconhecem cada vez melhor o homem como ser biológico, enquanto as ciências humanas o reconhecem cada vez melhor como ser psíquico e como ser cultural. Mas a compartimentação entre as ciências e as oposições entre escolas de pensamento tornam impossível uma concepção complexa que englobe esses três caracteres, e cada um desses ângulos de visão, ao hipostasiar o caráter que percebe, oculta os demais.

Por outro lado, o reconhecimento biológico da unidade humana de modo nenhum atenuará por si mesmo a hierarquização da espécie em raças superiores e inferiores. Se, sob a influência das Luzes, o humanismo ocidental concede a todo ser humano uma igualdade de direitos, o ocidentalo-centrismo rejeita o estatuto de homem plenamente adulto e racional ao "primitivo" e ao "atrasado".

É também durante o século XIX que o nascimento do homem é atribuído não mais a um Deus criador, mas a uma evolução biológica. Admite-se então que o homem descende do macaco. Mas afirma-se igualmente que, ao deixar a árvore do antepassado, ele se separou para sempre dela, conservando com o primata apenas um parentesco anatômico e fisiológico. Até 1960, portanto, o *Homo sapiens* nascia repentinamente, com sua inteligência, seu instrumental, sua linguagem, sua cultura, como Minerva nascendo do espírito de um invisível Júpiter.

A insularidade do homem é posta em dúvida nos anos 1960. As observações de Janet Van Lawick-Goodall¹⁰ e as "conversas" dos Gardner e de Premack com os chimpanzés" nos aproximam mentalmente destes, que deixam de ser nossos antepassados para se tornar nossos primos. Ao mesmo tempo que essas experiências aproximam o primata do homem, as descobertas de Louis e Mary Leakey na gruta do Olduvai em 1959, de seu filho Richard no lago Rodolfo em 1972, de Yves Coppens no vale do Omo em 1974, fazem aparecer, com idade de alguns milhões de anos, hominídeos bípedes com cérebro de 600 centímetros cúbicos já capazes de formar instrumentos, armas, abrigos. O *Homo sapiens* não surge mais armado dos pés à cabeça, há cinquenta mil anos, mas emerge no curso de um longo processo de hominização de milhões de anos. Os hominídeos, todos desaparecidos, eram já humanos. Somos os últimos dentre eles, caracterizados por um grande cérebro de 1500 centímetros cúbicos.

Assim como a vida emerge da Terra, a partir de uma conjunção local singular, o homem emerge da vida, a partir de um ramo animal singular, o dos primatas arborícolas da floresta tropical africana, ao qual pertence embora diferenciando-se dele. Foram necessárias condições novas e singulares da história terrestre para que uma modificação climática, ocasionando o recuo da floresta tropical e a progressão da savana na África austral, levasse nossos antepassados em via de hominização a desenvolverem a bipedização, a corrida, a caça, a utilizarem sistematicamente instrumentos. Assim começa a longa aventura da hominização, que prossegue com a domesticação do fogo pelo *Homo erectus*; o processo de hominização se acelera nos últimos quinhentos mil anos; ele produz um instrumental cada vez mais apropriado, desenvolve as técnicas de caça, de construção de abrigos, de confecção de vestimentas; torna mais complexas as relações interpessoais, enriquece os laços afetivos de amizade e de amor entre homens/mulheres, pais/filhos, e, nesse processo multidimensional, o hominídeo se transforma anatomicamente, cerebralmente, psicologicamente, afetivamente, socialmente: o aparecimento da linguagem, provavelmente

¹⁰J. Van Lawick-Goodall, *Les Chimpanzés et moi*, Paris, Stock, 1971.

" Ver E. Morin, M. Piatelli-Palmarini, *L'Unité de l'Homme*, Paris, Editions du Seuil, "Points Essais", 1978, vol. 1, p. 15-57.

antes do próprio *Homo sapiens*, efetua a passagem decisiva da cultura¹² à humanidade.

O *Homo* nem por isso escapa à animalidade ao longo dessa transformação. O homem não é um pós-primata, mas um super-primata, que desenvolveu aptidões já manifestas, mas esparsas, temporárias, ocasionais entre os primatas superiores, como a confecção de instrumentos, a prática da caça, a marcha sobre os membros inferiores. O homem não é um pós-mamífero, mas um super-mamífero, que desenvolveu dentro dele o calor afetivo da relação mãe-filho, irmãos-irmãs, o conservou na idade adulta, o estendeu às relações amorosas e de amizade. O homem, não super-vertebrado mas vertebrado médio, não sabe voar, nadar em profundidade, e corre muito menos que os tigres, cavalos ou gazelas, mas acabou por ultrapassar os vertebrados em suas performances ao criar técnicas que lhe permitem velocidade na terra, navegação sobre e sob o mar, transporte nos ares. O homem é um sobre-vivente, pois as bilhões de células que o compõem e se renovam são todas filhas-irmãs do primeiro ser vivente, cuja descendência produziu, via simbioses, as células eucariontes do mundo vegetal e animal; e essas células filhas-irmãs são também mães das células que elas produzem ao se reproduzirem por desdobraimento. Enfim, o homem é um super-vivente porque desenvolveu de forma superior um grande número das potencialidades da organização viva.

Sua identidade biológica é plenamente terrestre, uma vez que a vida emergiu, em terra, de misturas químicas terrestres em águas turbilhonantes e sob céus de tempestades. E essa identidade físico-química terrestre, inerente a toda organização viva, comporta nela mesma uma pluri-identidade cósmica, já que os átomos de carbono necessários à vida terrestre se formaram na forja furiosa de sóis anteriores ao nosso, e bilhões e bilhões de partículas que constituem nosso corpo nasceram há 15 bilhões de anos nos primórdios irradiantes de nosso universo.

¹² Conjunto de regras, conhecimentos, técnicas, saberes, valores, mitos, que permite e assegura a alta complexidade do indivíduo e da sociedade humana, e que, não sendo inato, tem necessidade de ser transmitido e ensinado a cada indivíduo em seu período de aprendizagem para poder se auto-perpetuar e perpetuar a alta complexidade antro-po-social.

Enquanto as mitologias das outras civilizações inscreviam o mundo humano na natureza, o *Homo occidentalis* foi, até a metade do século XX, totalmente ignorante e inconsciente da identidade terrestre e cósmica que traz em si. Ainda hoje, a filosofia e a antropologia dominantes repelem com força toda tomada de consciência e toda consequência da identidade animal e viva do homem, denunciando como "vitalismo" irracional ou "biologismo" perverso qualquer reconhecimento de nosso enraizamento terrestre, físico e biológico.

O super-vivente que é o homem criou novas esferas de vida: a vida do espírito, a vida dos mitos, a vida das ideias, a vida da consciência. E é ao produzir essas novas formas de vida, que dependem da linguagem, das noções, das ideias, que alimentam o espírito e a consciência, que ele se torna progressivamente estranho ao mundo vivo e animal. Donde o duplo estatuto do ser humano. Por um lado, depende totalmente da natureza biológica, física e cósmica. Por outro, depende totalmente da cultura, isto é, do universo da palavra, do mito, da ideia, da razão, da consciência.

Assim, a partir e para além das identidades que o enraízam na terra e o inscrevem no cosmos, o homem produz suas identidades propriamente humanas - familiar, étnica, cultural, religiosa, social, nacional.

A unidade antropológica

Por mais diversas que sejam suas pertenças de genes, de solos, de comunidades, de ritos, de mitos e de ideias, o *Homo sapiens* tem uma identidade fundamental comum a todos os seus representantes. Quer tenha se originado ou não de um antepassado único, ele pertence a uma unidade genética de espécie que torna a inter-fecundação possível entre homens e mulheres, todos eles, não importa sua raça. Essa unidade genética, hoje comprovada, prolonga-se em unidade morfológica, anatômica, fisiológica; a unidade cerebral do *Homo sapiens* se manifesta na organização singular de seu cérebro em relação aos outros primatas; há enfim uma unidade psicológica e afetiva: é verdade que sorrisos, lágrimas, gargalhadas são diversamente modulados, inibidos ou exibidos segundo as culturas, mas, a despeito da extrema diversidade dessas

culturas e dos modelos de personalidade que nelas se impõem, sorrisos, lágrimas e gargalhadas são universais e seu caráter inato se manifesta em surdos-mudos-cegos de nascença que sorriem, choram e riem sem ter podido imitar a ninguém¹³.

A diáspora do *Homo sapiens*, iniciada há 130 mil anos, espalhou-se pela África e a Eurásia, atravessou a seco o estreito de Behring há cem mil anos, chegou à Austrália e à Nova Guiné há quarenta mil anos, e finalmente povoou as ilhas da Polinésia há alguns milhares de anos antes da nossa era.

A despeito dessa diáspora, a despeito das diferenças físicas de tamanho, cor, forma dos olhos, do nariz, a despeito das diferenças de culturas e de linguagens tornadas ininteligíveis umas às outras, de ritos e costumes tornados incompreensíveis uns aos outros, de crenças singulares tornadas irredutíveis umas às outras, por toda parte houve mito, por toda parte houve racionalidade, por toda parte houve estratégia e invenção, por toda parte houve dança, ritmo e música, por toda parte houve - certamente expressos ou inibidos de maneira desigual conforme as culturas - prazer, amor, ternura, amizade, cólera, ódio, por toda parte houve proliferação imaginária, e, por mais diversas que sejam suas fórmulas e suas dosagens, por toda parte e sempre houve mistura inseparável de razão e de loucura.

Toda espécie sexuada produz indivíduos diferentes, não apenas pelo número quase ilimitado das combinações entre dois patrimônios hereditários, mas também pela extrema diversidade das condições, alimentação, influências e vicissitudes que afetam a formação do embrião e, depois, do recém-nascido. Quanto mais complexas as espécies, tanto maiores as diversidades individuais. Não que concerne ao *Homo*, a diversificação aumenta, se multiplica, se intensifica com os acontecimentos, acidentes da infância e da adolescência, com a conformidade ou a resitência às influências familiares, culturais e sociais. Desde a instituição

¹³ L. Eibl-Eibesfeldt, *Love and Hate*, Holt, Rinehardt and Winston, Nova York, 1971. Do mesmo: "Similarities and differences between cultures in expressive movements", in *Non Verbal Communication*, Hinde, Cambridge University Press, Cambridge, 1972; e "Les universaux du comportement et leur genèse" (1974) in *L'Unité de l'homme*, op. cit.

arcaica da exogamia e da proibição do incesto, a cultura estimula e faz crescer a mistura genética. As guerras e invasões ampliaram posteriormente essa mistura com as violações, raptos, escravidões e cruzamentos de populações; enfim, as viagens, namoros e casamentos irão também diversificar geneticamente os indivíduos no seio de uma mesma etnia.

A diversificação é também psico-cultural. Conforme as culturas, manifestam-se tipos dominantes de atitudes, de comportamentos, de agressividade, de complacência etc. Além do mais, em toda civilização, e particularmente na nossa, cada indivíduo assume personalidades diferentes, conforme seu humor e conforme a pessoa que encontra, que enfrenta ou à qual se submete (filho, pai, esposa, amante, chefe, subordinado, rico ou mendigo etc); são duas personalidades radicalmente antinômicas num mesmo indivíduo que se manifestam na cólera ou no amor. Cada indivíduo dispõe de uma panóplia de personalidades múltiplas, virtuais mas capazes de se atualizar. Ora, são exatamente essa multiplicidade, essa diversidade, essa complexidade que fazem também a unidade do homem.

Cada ser humano é um cosmos, cada indivíduo é uma efervescência de personalidades virtuais, cada psiquismo secreta uma proliferação de fantasmas, sonhos, ideias. Cada um vive, do nascimento à morte, uma tragédia insondável, marcada por gritos de sofrimento, de prazer, por risos, lágrimas, desânimos, grandeza e miséria. Cada um traz em si tesouros, carências, falhas, abismos. Cada um traz em si a possibilidade do amor e da devoção, do ódio e do ressentimento, da vingança e do perdão. Reconhecer isso é reconhecer também a identidade humana. O princípio de identidade humana é *unitas multiplex*, a unidade múltipla, tanto do ponto de vista biológico quanto cultural e individual.

É o que nos canta em toda parte a poesia, é o que nos diz em toda parte a literatura. E, por mais separados que estejamos pela língua, pelo tempo, pela cultura, podemos nos comunicar com o estrangeiro em sua literatura, sua poesia, sua música e seu cinema, podemos reconhecer o tecido comum, diversamente expresso, de que somos feitos, com o fugitivo albanês, o pastor sardo, o samurai, o imperador da China, o escravo de Roma, o miserável de Paris, o culpado de Petersburgo, o inocente...

As diferenças nascidas da diversidade das línguas, dos mitos, das culturas etnocêntricas ocultaram a uns e a outros a identidade biológica comum. O estranho aparece aos arcaicos como deus ou demônio. O inimigo dos tempos históricos é morto ou, transformado em escravo, converte-se em instrumento animado. As barreiras protetoras de cada cultura fechada em si mesma durante a diáspora da humanidade têm doravante efeitos perversos em nossa era planetária: a maior parte dos fragmentos de humanidade, hoje em comunicação, tomaram-se inquietantes e hostis uns aos outros exatamente por causa dessa comunicação: diferenças até então ignoradas adquiriram forma de extravagâncias, insanidades ou impiedades, fontes de incompreensão e de conflitos. As sociedades se vêem como espécies rivais e se entredevoram. As religiões mono-teístas exterminam as crenças politeístas, e cada deus soberano combate seu concorrente enviando seus fiéis à morte e ao assassinato. A nação e a ideologia edificaram novas barreiras, suscitaram novos ódios. Deixam de ser humanos o islamita, o capitalista, o comunista, o fascista. *Donde a necessidade primordial de desocultar, revelar, na e através da sua diversidade, a unidade da espécie, a identidade humana, os universais antropológicos.*

Podemos reencontrar e realizar a unidade do homem. Esta, perdida na e através da diáspora do *Homo sapiens* pelos continentes e ilhas, tem sido mais negada que reconhecida na era planetária. Devemos reencontrá-la, não numa homogeneização que terraplenaria as culturas, mas, ao contrário, através do pleno reconhecimento e do pleno desabrochar das diversidades culturais, o que não impede que processos de unificação e de rediversificação sejam levados a cabo em níveis mais amplos.

Assim a formação da nação integrou, atenuando-a sem por isso dissolvê-la, a diversidade das etnias provinciais e levou a participação a uma unidade nacional mais ampla, fonte de novas diversidades entre culturas nacionais. Da mesma forma, o estágio meta-nacional de modo nenhum deveria dissolver as singularidades nacionais, mas retirar do Estado sua soberania absoluta e favorecer mestiçagens étnicas e culturais, especialmente nas grandes metrópoles, que são matrizes de uma nova unidade mas também de novas diversidades.

Reencontrar-realizar a unidade do homem significaria primeiramente tornar concreta a todos a identidade comum. É o que se produz por flashes empáticos quando vemos na televisão crianças

somalis vítimas da fome, mulheres e crianças sob os obuses em Sarajevo. É evidentemente o desenvolvimento correlato da compaixão do coração, do humanismo de espírito, de um verdadeiro universalismo e do respeito das diferenças que nos levará a superar as cegueiras ego-etnocênticas ou ideológicas que nos fazem ver apenas o estranho no estrangeiro, e que nos fazem ver, naquele que verdadeira ou ilusoriamente nos ameaça, um porco, um ser imundo. Mas, como diremos mais adiante, são a reforma de pensamento e a reforma moral que permitirão a todos e a cada um reconhecer em todos e em cada um a identidade humana.

A identidade do homem, ou seja, sua unidade/diversidade complexa, foi ocultada e traída, no cerne mesmo da era planetária, pelo desenvolvimento especializado/compartimentado das ciências. Os caracteres biológicos do homem foram discutidos nos departamentos de biologia e nos cursos de medicina; os caracteres psicológicos, culturais e sociais foram divididos e instalados nos diversos departamentos de ciências humanas, de modo que a sociologia foi incapaz de ver o indivíduo, a psicologia incapaz de ver a sociedade, a história acomodou-se à parte e a economia extraiu do *Homo sapiens* demens o resíduo exangue do *Homo economicus*. Pior ainda, a noção de homem se decom pôs em fragmentos desarticulados, e o estruturalismo triunfante acreditou poder eliminar definitivamente esse fantasma irrisório. A filosofia, encerrada em suas abstrações superiores, só pôde se comunicar com o humano em experiências e tensões existenciais como as de Pascal, Kierkegaard, Heidegger, sem no entanto jamais poder ligar a experiência da subjetividade a um saber antropológico.

Não é por acaso que não houve recomposição do saber antropológico. As compartimentações disciplinares e as escleroses universitárias impediram a reunião de parcelas, e isso tanto mais quando os dados que permitiam as articulações não eram ainda disponíveis. Ao longo dos anos 1955-1960 emergem quase simultaneamente as primeiras teorias da auto-organização¹⁴, da complexidade¹⁵, as primeiras abordagens da dialética universal entre ordem, desordem e organização. Desde então, a partir das ideias

¹⁴ H. von Foerster, G. W. Zopf (eds), *Principles of Self-Organization*, Pergamon, Nova York, 1962.

¹⁵ J. von Neumann, *Theory of Self-Reproducing Automata*, Illinois University Press, Urbana, 1966. J. Bronowski, *New Concepts in the Evolution of the Complexity*, American Association for the Advance of Science, Boston, 1969.

de auto-eco-organização e da integração da desordem na organização cerebral/mental, bem como a partir dos progressos das neurociências, podemos considerar a fabulosa máquina de centenas de bilhões de neurónios e bilhões de bilhões de interações sinápticas que é o cérebro do *Homo sapiens demens*. É finalmente possível, desde 1970, lançar as bases de uma antropologia fundamental¹⁶.

A antropologia, ciência multidimensional (articulando dentro dela o biológico, o sociológico, o económico, o histórico, o psicológico) que revelaria a unidade/diversidade complexa do homem, não poderá edificar-se de fato a não ser correlativamente à reunião das disciplinas citadas, ainda separadas e compartimentadas, e essa reunião requer a passagem do pensamento redutor, mutilador, isolante, catalogante, abstratificante ao pensamento complexo (ver capítulo 7).

A consciência terrestre

A revolução nas concepções do mundo, da terra, do homem que se operou no século XV ocidental não foi senão uma pequena crise ministerial em comparação com as formidáveis transformações trazidas pelas conquistas científicas do final do século XX.

Tivemos que abandonar um universo ordenado, perfeito, eterno por um universo em devir dispersivo, nascido na irradiação, no qual atuam dialogicamente, isto é, de maneira ao mesmo tempo complementar, concorrente e antagónica, ordem, desordem e organização. Tivemos que abandonar a ideia de uma substância viva específica, animada de um sopro próprio, para descobrir a complexidade de uma organização viva emergindo de processos físico-químicos terrestres. Tivemos que abandonar a ideia de um homem sobrenatural procedente de uma criação separada, para fazê-lo emergir de um processo no qual ele se separa da natureza sem no entanto dissociar-se dela.

Foi por termos interrogado devidamente o céu que podemos nos enraizar na Terra. Foi por termos interrogado devidamente a Terra que podemos enraizar nela a vida. Foi por termos interrogado devidamente a vida que podemos nos enraizar nela.

¹⁶E. Morin, *Le Paradigme perdu*, op. cit.

A Terra não é a adição de um planeta físico, mais a biosfera, mais a humanidade. A Terra é uma totalidade complexa física/biológica/antropológica, em que a vida é uma emergência da história da terra, e o homem uma emergência da história da vida terrestre.

A vida é uma força organizadora biofísica em ação na atmosfera que ela criou, sobre a terra, debaixo da terra, nos mares, onde ela se espalhou e se desenvolveu.

A humanidade é uma entidade planetária e biosférica.

Estamos a milhões de anos-luz de uma centralidade humana no cosmos e, ao mesmo tempo, não podemos mais considerar como entidades claramente separadas, impermeáveis umas às outras, homem, natureza, vida, cosmos.

Nosso final do quinto século da era planetária faz aparecer realidades até então ignoradas de nosso destino:

- estamos perdidos no cosmos;
- a vida é solitária no sistema solar e provavelmente na galáxia;
- a Terra, a vida, o homem, a consciência são os frutos de uma aventura singular, com peripécias e saltos espantosos;
- o homem faz parte da comunidade da vida, embora a consciência humana seja solitária;
- a comunidade de destino da humanidade, que é própria da era planetária, deve se inscrever na comunidade do destino terrestre.

Esses conhecimentos novos, que nos esclarecem sobre o destino terrestre, nos conduzem a uma nova ignorância. Uma parte de nossa ignorância será superada, mas uma outra, que se deve aos limites do espírito humano¹⁷, permanecerá para sempre. Do mesmo modo, as novas certezas nos conduzem à incerteza. Sabemos agora de onde vimos, isto é, que estamos na incerteza no que concerne à origem do mundo e à origem da vida. Não sabemos por que há um mundo e não o nada, e não sabemos para onde vai esse mundo.

Estamos num universo que não é nem banal, nem normal, nem evidente.

¹⁷Ver E. Morin, *La Méthode*, t. 3, *La Connaissance de la Connaissance*, Paris, Editions du Seuil, "Points Essais", 1992, p. 222-223.

A Terra é um pequeno cesto de lixo cósmico transformado de maneira improvável não apenas num astro muito complexo, mas também num jardim, nosso jardim. A vida que ela produziu, da qual ela usufrui, da qual usufruímos, não surgiu de nenhuma necessidade a priori. Ela é talvez única no cosmos, é a única no sistema solar, é frágil, rara, e preciosa por ser rara e frágil.

Aprendemos que tudo o que existe só pôde surgir no caos e na turbulência, e deve resistir a enormes forças de destruição. O cosmos se organizou ao se desintegrar. O Sol brilha à temperatura de sua explosão. A vida se organiza à temperatura de sua destruição. O homem talvez não teria se desenvolvido se não fosse obrigado a responder a tantos desafios mortais, desde o avanço da savana sobre a floresta tropical até a glaciação das regiões temperadas. A aventura da hominização se fez através da carência e da dificuldade. Homo é filho de Poros e Penia (Engenho e Penúria). Tudo o que vive deve se regenerar permanentemente: o Sol, o ser vivo, a biosfera, a sociedade, a cultura, o amor. Esse é frequentemente nosso infortúnio, é também nossa graça e nosso privilégio. Tudo o que é precioso na terra é frágil e raro. E assim igualmente com nossa consciência.

Eis-nos portanto, minúsculos humanos, sobre a minúscula película de vida que cobre o minúsculo planeta perdido num desconhecido universo (que talvez seja ele próprio minúsculo num proliferante pluriverso¹⁸). Mas, ao mesmo tempo, esse planeta é um mundo, a vida é um universo pululante de bilhões e bilhões de indivíduos, e cada ser humano é um cosmos de sonhos, de aspirações, de desejos.

Nossa árvore genealógica terrestre e nossa carteira de identidade terrestre podem hoje finalmente ser conhecidas. E é justamente agora - no momento em que as sociedades espalhadas sobre o Globo se comunicam, no momento em que se joga coletivamente o destino da humanidade - que elas adquirem sentido para fazer-nos reconhecer nossa pátria terrestre.

¹⁸ Sobre a ideia da pluralidade dos mundos, ver E. Morin, *LM Méthode*, t. 1, *La Nature de la Nature*, Paris, Editions du Seuil, "Points Essais", 1981.

Durante o século XX, a economia, a demografia, o desenvolvimento, a ecologia se tornaram problemas que doravante dizem respeito a todas as nações e civilizações, ou seja, ao planeta como um todo.

Alguns desses problemas são hoje muito evidentes. Façamos rapidamente um levantamento deles antes de passarmos a outros, às vezes menos claramente percebidos, que denominaremos "de segunda evidência", e cuja trama constitui o problema dos problemas.

PROBLEMAS DE PRIMEIRA EVIDÊNCIA

O desregramento económico mundial

O mercado mundial pode ser considerado como um sistema auto-organizador que produz por si mesmo suas próprias regulações, a despeito e através de evidentes e inevitáveis desordens. Pode-se portanto supor que, dispondo de algumas instâncias internacionais de controle, ele poderia atenuar seus arrebatamentos, reabsorver suas depressões e, cedo ou tarde, obstruir e inibir suas crises.

Mas todo sistema auto-organizador é na verdade auto-eco-organizador, ou seja, autónomo/dependente em relação a seu (seus) ecossistema(s). Não poderíamos considerar a economia como uma entidade fechada. Trata-se de uma instância autónoma dependente de outras instâncias (sociológica, cultural, política), também elas autónomas/dependentes umas em relação às outras. Assim, a economia de mercado supõe um conjunto coerente de instituições e esse conjunto coerente faz falta em escala planetária.

É a relação com o não-económico que falta à ciência económica. Esta é uma ciência cuja matematização e formalização são cada vez mais rigorosas e sofisticadas; mas essas qualidades contêm o defeito de uma abstração que se separa do contexto (social, cultural, político); ela conquista sua precisão formal esquecendo a